

“Malandrinhos” mostram enredo

Os Malandrinhos de São José vão mostrar hoje, em primeira mão, o samba-enredo composto para este ano, tendo como tema “os pescadores”. Edvaldo Uchôa, o “Prego”, o mesmo que no ano passado compôs um sambinha em homenagem ao Ano Internacional da Criança, é o responsável por este enredo.

Está marcada para esta noite às 21 horas a abertura oficial do carnaval no bairro de São José, no Pátio do Terço. De representantes de cada agremiação do bairro se reunirão para a abertura, segundo ficou acertado com a Fundação de Cultura do Recife.

Depois de alguns contratemplos, os Malandrinhos vão sair na quinta-feira do carnaval com 100 “figurantes”, mais a ala do batuque, com 20 elementos. A ideia inicial era que saíssem fantasiados de tirolezes, mas, desistiram, devido ao custo: Cr\$ 450,00 se fosse cobrado o valor real para cada integrante. Por isto, optaram pela fantasia de pescadores — bermudas e jaquetas nas cores da agremiação, verde e branco.

Já está certo um carro alegórico (uma jangada) patrocinado por Badia, a fundadora das Coroas de São José. O samba-enredo é o seguinte. Quero viver na folia/ no meu bloco sambar/ Vou abraçar a cidade/ Que beleza, hoje a vida é cantar (Bis). Refrão: Que beleza, que esplendor São os Malandrinhos exaltando o pescador.

E ainda bem cedinho/ Pescadores vão pro mar/ Vão pescar lindos peixinhos/ No mar de Iemanjá. (Bis). Nesta festa colorida sal vêm os Malandrinhos alegrando o carnaval. (Bis)

"A Escola de Samba Estudantes de São José já está com tudo preparado para reconquistar o título de campeã do carnaval de Pernambuco e comprovar que ela realmente é a campeoníssima do nosso carnaval. Neste ano, a escola vermelho e branco do bairro de São José vai às ruas da cidade mostrando o tema "O Segredo de Enein", uma visão do paraíso, com cerca de 1.500 sambistas e uma bateria com 200 batuqueiros".

A afirmação foi feita ontem, pelo sambista "Robinho", presidente da Ala dos Compositores e um dos mais atuantes dirigentes da agremiação. Em seu desfile na noite de segunda-feira, Estudantes vai apresentar seis carros alegóricos, centenas de alegorias de mão e 15 destaques.

ENREDO

O tema enredo de Estudan-

tes de São José foi escolhido pela diretoria no mês de maio do ano passado, durante uma reunião que durou mais de três horas, quando foram discutidos todos os pontos do enredo preparado pelo carnavalesco Aristácio Ferreira, que desde a aprovação do tema não teve mais um momento de descanso.

"Nosso tema está muito bem desenvolvido e será um dos pontos altos da apresentação da escola. Tenho certeza que nenhum dos jurados terá motivos para deixar de dar nota dez neste item para nossa apresentação, apesar dos problemas que as escolas terão para se movimentar sem uma passarela larga e extensa para proporcionar espaço para todas as alas evoluírem com facilidade. Mas, mesmo assim, acredito que o es-

paço da Conde da Boa Vista será suficiente".

Para a apresentação na segunda-feira de carnaval, Estudantes conta com a segurança da bateria comandada por Vanico e com a força e a cadência de Di, Eraldo e João de Penha para garantir toda a passagem da escola sem o perigo de "atravessar". Durante o desfile pelas ruas da cidade, o samba-enredo composto por Edvaldo Uchoa, o "Prego" será puxado por Alan Crec e Fernando Barreto.

Para conquistar o título, a escola conta ainda com a presença de Dino, o pandeiro de ouro, os mestres-salas, Reginaldo e Vicente as porta-bandeiras Delma e Neide e as sambistas Nalva, Neide, Cleide, Selma, Gracinha, Roberta e Tina, realmente o ponto alto do desfile de Estudantes de São José.

Largo do Guadalupe cai no samba

Um sambão estará animando hoje de manhã o Largo do Guadalupe, tradicional reduto do carnaval olindense. A partir das 10 horas a Escola de Samba Transas estará promovendo na sede da Associação Atlética do Guadalupe a última festa destinada a angariar fundos para o desfile.

Exatamente uma semana depois, no mesmo horário, os "Transas" estarão saindo da casa do presidente, Arnaldo Sousa Ramos, na Rua Guadalupe, passando pelo Amparo e a Bica dos Quatro Cantos para chegar à Praça do Jacaré. O tema é "Transas no Havai".

Incluídos na categoria C, a escola recebeu neste ano subvenção de 10 mil cruzeiros da Prefeitura, mas os gastos, calcula a diretoria, para colocar 70 sambistas e 50 batuqueiros, de-

vem chegar perto dos 80 mil cruzeiros. Além dos sambões, livros-de-ouro e rifas são as outras maneiras de completar o necessário.

O nome "Transas" surgiu de programa infantil de televisão que já não existe, em 75, e neste ano, numa idéia de idade entre 10 e 15 anos os "sambistas" começaram ensaiando com latas de manteiga vazias. Creusa Souza Ramos e o marido, pai de Arnaldo, foram os grandes incentivadores e, vendo o entusiasmo dos quatro filhos compraram, antes mesmo do Carnaval daquele ano, alguns instrumentos. No ano seguinte, 76, a escola possuía 15 instrumentos e, em 77, com mais elementos, prestou homenagem a Carmem Miranda; no ano seguinte, o número havia crescido.

No ano passado, contudo,

os garotos não desfilaram: Creusa, a grande animadora e batalhadora da escola, morreu pouco antes. Agora, Arnaldo, o filho mais velho, assume a direção atendendo a pedido da mãe para que não deixassem a escola morrer:

"Isto é o que estamos fazendo", dizem ele e Josias, "ministro sem pasta" da escola, como se intitula. Não só estão procurando fazer crescer a escola, como reviver os bons tempos do Guadalupe. Uma coisa já conseguiram: que Pitombeiras dos Quatro Cantos, quebrando o costume de sempre sair do Amparo, inicie o desfile lá, às 15 horas da segunda-feira. Com o apoio da Juventude Olindense do Guadalupe, da qual fazem parte, esperam conseguir ainda mais agremiações para incluir o Guadalupe no início dos roteiros.

"Oriente" revive os carnavais

A Escola de Samba Oriente está decidida a renascer os tempos de grande carnaval no Amaro Branco, em Olinda. Além da decoração da ladeira de acesso à praça, pela rua do Sol, que será feita pelos próprios moradores — sob a coordenação de uma equipe da escola, com um tema baseado nos signos do Zodíaco, outras escolas estão sendo prometidas.

A abertura do carnaval na praça do Amaro Branco será no dia 10, domingo. Iniciando a se-

mana pré-carnavalesca, a Oriente vai colocar a partir das 19 horas, em frente à sua sede, uma orquestra de frevo e a própria bateria. Haverá em seguida, concurso de fantasias e de passistas do frevo, com prêmios oferecidos pela diretoria.

Baseado no tema para este ano — O Sol Nasceu Para Todos — Eduardo Lobo compôs um samba-enredo de mesmo título. Este samba será tocado durante a programação, juntamente com o de José Petrúcio Rodrigues, para o lançamento

oficial das composições para este ano.

Além disto, aguarda-se para esta mesma noite o nascimento de uma troça exclusivamente com moradores do Amaro Branco. São **As Encalhadas**, que pretendem sair da casa de Fernando Gondim Mota. A Oriente vai desfilar às 17 horas do domingo de carnaval, saindo da sede, e na terça-feira, do bar Zê Pequeno, em Bairro Novo, com 282 figurantes, bateria de 120 pessoas e três carros de alegoria.

Donzelos têm último ensaio hoje

O "Bloco Donzelos de São José" vai promover hoje, a partir das 14 horas, o seu segundo e último ensaio de rua preparando-se para o desfile da segunda-feira de carnaval, quando a agremiação estará mostrando o tema "O Império Asteca". A bateria do bloco vai ficar concentrada na Rua da Concórdia, em frente ao "Bar de Dona Odélia".

Os ensaios de rua das agremiações do bairro de São José têm reunido um grande número de foliões que acompanham durante todo o trajeto, sambando e frevando sem parar. O bloco Donzelos de São José fez seu primeiro ensaio no primeiro domingo de 80, arrastando uma

grande multidão até o final da prévia, percorrendo as Ruas de São João, Floriano Peixoto, Praça do Pirulito e Pátio do Terço.

HOMENAGENS

Durante o ensaio de rua de hoje, os Donzelos farão homenagem a todas agremiações, independentes do bairro, o que já é uma tradição em suas apresentações. Em frente às sedes dos blocos e escolas de samba a bateria para, deixa de cantar os sambas do bloco e passa a mostrar as músicas temas, do Saberé, Traquinas, Fofinhos e Donzelos.

Aderbal do Rego Barros, coordenador dos desfiles afir-

mou que "esta tradição é antiga no bairro de São José. Foi criada pelos Donzelos e hoje, já tornou comum este tipo de homenagem não só nos ensaios de rua, como também nos desfiles nos dias de carnaval. No ensaio de domingo, tudo vai acontecer como manda o figurino".

Todos os 160 componentes e os 60 batuqueiros comandados pelo mestre Valdomiro e pelo apito de "Arlindo de Dona Biu", estarão nas ruas animando no verdadeiro carnaval-participação, que este ano foi revigorado em toda a cidade do Recife, graças ao apoio que vem sendo dado pela Prefeitura, através da Fundação de Cultura Cidade do Recife.

População negra: antigo obstáculo dos censos no Brasil

Preconceito dos números

DE LEDA RIVAS

Em 1º de setembro deste ano, terá início o IX Censo Demográfico ou da População do Brasil. Será realizado com a utilização de cerca de 120 mil recenseadores, que cobrirão todo o País, ou seja, falando em linguagem censitária, os 150 mil setores que constituem subdivisões dos distritos, que por sua vez se compõem de municípios, que se subdividem em 8.121 distritos, formando a base político-administrativa regional. A maior novidade neste censo é a reinclusão do quesito cor, abolido em 1950, e que representa uma grande vitória do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial.



A situação dos negros, na população brasileira, sempre foi um dado problemático nos censos

O censo de 1980 inclui quatro categorias tradicionais em pergunta fechada (branco, preto, pardo — mestiço de africano com português, ou de índio com português — amarelo e outros), e deixa de lado as 127 outras categorias reveladas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio — PNAD — em 1976 e só agora divulgadas: acastanhada, amarelada, agalegada, alva, alva-escuro, alvarenta, alvarinta, alvarosada, alvinha, amarelada, amarelada-queimada, amarelosa, amorenada, avermelhada, azul-marinho, baiana, bem branca, bem clara, branca, branca-avermelhada, branca-melada, branca-pálida, branca-queimada, branca-sardenta, branca-suja, branquiça, branquinha, bronze, bronzeada, bugrezinha-escuro, burro-quando-foge, caboclas, caboverde, café-com-leite, canela, canelada, carvão, castanha-escuro, castanha-clara, chocolate, clara, clarinha, cobre, corada, cor-de-café, cor-de-canela, cor-de-cuia, cor-de-leite, cor-de-ouro, cor-de-rosa, cor firme, crioula, encerada, enxofrada, esbranquiçada, escurinha, fogueiro, galega, galegada, jambo, laranja, lilás, loira, loira-clara, loura, lourinha, malaia, marinheira, marrom, meio-amarela, meio-branca, meio-preta, melada, mestiça, miscigenação, mista, morena, morena-bem-chegada, morena-bronzeada, morena-canelada, morena-castanha, morena-clara, morena cor de canela, morena cor de jambo, morenada, morena-escuro, morena-fechada, morenã, morena-parda, morena-roxa, morena-ruiva, morena-trigueira, moreninha, mulata, mulatinha, negra, negota, pálida, paraíba, parda, parda-clara, polaca, pouco clara, pouco morena, preta, pretinha, puxa para branca, quase negra, queimada, queimada-de-praia, queimada-de-sol, regular, retinha, rosa, rosada, rosa-queimada, ruiva, russo, sapêcada, sarará, saraúba, tostada, trigo, trigueira, turva, verde, vermelha, sem declaração.

Mas só em 1568 esse tráfico foi sistematizado, através de um ato do governador-geral do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá.

Conforme estimativa de 1600 a população consistia de:

Indígenas	35.000
Branco	10.000
Africanos e seus descendentes	20.000

Do século XVI ao século XIX, companhias portuguesas, espanholas e inglesas transportaram, continuamente, escravos das costas africanas para o Brasil. Apesar da lei Eusébio de Queiroz, de 1860, que proibia as viagens de navios negreiros e punia os infratores com severas medidas de ordem policial e judiciária, os desembarques ainda continuaram por algum tempo. O último, de 209 indivíduos, teve lugar em Sirinhaém, Pernambuco, em 1855.

Um pouco antes, pesquisa demográfica levada a efeito em 1798 revelou os seguintes números:

Índios civilizados	250.000
Branco	1.010.000
Africanos e seus descendentes	1.988.000
(escravos: 1.582.000; africanos livres: 406.000)	

Rio Branco mostrou que em 1822 havia uma população de 3.800.000, distribuída como segue:

Branco	1.043.000
Negro	1.930.000
Mulatos	526.000

Este decréscimo da população negra explica-se pela miscigenação e os altos índices nosológicos, mas não se pode descartar a hipótese da insuficiência de dados censitários da época.

Até a metade do século XVII, os negros vinham, principalmente, para os engenhos do interior de Pernambuco e da Bahia — as grandes fontes de riqueza da economia colonial. No século XVIII, os empórios de vendas concentravam-se em Salvador e também no Rio de Janeiro. Dessa época

Se o item cor não tivesse sido incluído neste censo, nós ficaríamos sem um registro censitário significativo sobre o problema durante as quatro décadas que vão de 1950 a 1990. Com relação à questão, os primeiros censos brasileiros, de 1872 a 1890, incluíram o item cor, não incorporado nos dois seguintes, de 1900 e 1920. Ele só voltou em 1940 e 1950 com duas ou três informações básicas, tabulações onde grupos de cor aparecem relacionados por setor de atividade econômica, posição na ocupação ou graus escolares. O censo de 1960 registrou simplesmente a quantidade de brancos, pretos, pardos e amarelos no País todo e em cada Estado respectivamente. Mas sem tabulações cruzadas que permitissem avaliações do sistema econômico.

O censo de 1970 não incluiu a pergunta sobre cor, mas recomendou um estudo separado à PNAD, feita em 1976 com o objetivo de medir o estado social e econômico da Nação, entre um censo e outro, com custos bem mais reduzidos.

A CHEGADA DOS NEGROS

Os escravos africanos já eram trazidos para o Brasil desde o início da colonização: sabe-se que os primeiros vieram com Martim Afonso de Sousa, em 1532. Em 1533, Jorge Lopes Bixorda contratou a vinda de negros da Guiné, e, em 1549, um alvará expedido por Dom João III determinou que fossem remetidos 120 escravos da Guiné e da Ilha de São Tomé para cada um dos engenhos de açúcar em funcionamento no Brasil.

ate o fim do tranco, a mercadoria humana que se destinava às plantações de café escoava para o Grão-Pará e o Maranhão, dali derivando para as regiões agrícolas do Rio e São Paulo.

A concentração de escravos nas várias regiões do País acompanhou a expansão das atividades monocultoras. Com o descobrimento das riquezas minerais, eles se irradiaram pelo Sertão enviados para Minas, Mato Grosso e Goiás.

Temos idéia de que um escravo custava de 20 a 30 libras esterlinas, entretanto não é possível determinar a procedência e o número exato de africanos que entraram no Brasil, pois de acordo com a lei de 14 de dezembro de 1890, proposta por Ruy Barbosa, foram destruídos praticamente todos os documentos relativos ao período da escravidão. Calcula-se, entretanto, que cerca de 3.300.000 negros tenham desembarcado nas costas brasileiras.

Etapas importantes para o desaparecimento da escravidão no Brasil foram a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), que libertava todos os brasileiros nascidos de pais escravos e a lei de setembro de 1885, que emancipava os negros a partir de 65 anos de idade. Ficava, assim, praticamente extinta a escravatura, pelo estacamento das fontes: a importação e o nascimento — e pela libertação gradual e inevitável de todos os que ainda se encontravam em servidão.

Caio Prado Júnior nos apresenta o seguinte quadro da população do Brasil Império, a partir de 1823:

Ano	Escrava	Livre	Geral
1823 (estimativa)	1.147.515	2.813.351	3.960.866
1850 (estimativa)	2.500.000	5.520.000	8.020.000
1872 (recenseam.)	1.510.000	8.601.255	10.112.061
1887 (censo of.)	723.419	—	—
1890 (estimativa)	—	—	14.000.000

Foram libertos 723.419 escravos, com 16 anos ou mais de idade. Desse total, 43.467 habitavam no Pará e Maranhão,

171.797 no Nordeste, 482.571 no Centro-Sul (ou seja, Minas, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e o município do Rio de Janeiro), e 20.070 no

Oeste e Sul (Mato Grosso, Góias, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (Relatórios do Ministério da Agricultura, 1888, citado por Robert Conrad). 384.615 dos escravos libertos eram homens e 338.804 mulheres. Quase todos, ou seja, 89,6%, eram solteiros.

Embora não tenha desarticulado a economia, com a queda dos escravocratas, para os quais o Brasil era o café e o açúcar, o negro cativo, a abolição trouxe profundas conseqüências na vida do País. A grande fazenda do Vale do Paraíba, associada e principal esteio do Império, viu acelerada sua desintegração, devida também a outros fatores concorrentes. A produção cafeeira caiu, do índice 100 nos anos de 1891-1892, para 51 em 1895-1896. A crise gerou as execuções das dívidas da lavoura, provocando a transferência das propriedades para os credores urbanos. Por sua vez, os financiadores das safras e dos custeios da lavoura, os comissários do Rio de Janeiro, sofreram grave revés, com quebras generalizadas. De outro lado, a produção paulista, já articulada à mão-de-obra livre, tomou rápido incremento, ajudada pela alta dos preços do café. Globalmente o País, nos anos que sucederam à abolição, exportou maior volume de café, com rendas superiores.

Por outro lado, não houve nenhuma medida legal em favor dos libertados. Sem nenhum preparo — em 1872, a totalidade dos escravos era analfabeta — os ex-escravos tinham de

adaptar-se ao mercado de trabalho, aprender-lhes as regras e enfrentar a competição dos imigrantes europeus. Assim, abandonados, a maioria caiu na miséria da mendicância. O negro e o mulato, postos à margem, atravessaram um duro período de desorganização social, de apatia e de desmoralização coletiva.

Dizem Roger Bastide e Florestan Fernandes: "A lei que promulgou a abolição do cativo consagrou uma espoliação dos escravos pelos senhores. Aos escravos, foi concedida uma liberdade teórica, sem qualquer garantia de segurança econômica ou de assistência compulsória. O trabalhador negro, recém-egresso da escravidão e por ela deformado, não estava em condições de resistir à livre competição com o imigrante europeu... Processou-se a eliminação parcial do negro do sistema de trabalho. As oportunidades surgidas com a instituição do trabalho livre foram aproveitadas pelos imigrantes e pelos chamados "trabalhadores nacionais", geralmente brancos ou mestiços que constituíam, sob o regime servil, uma camada social livre, mas dependente e sem profissão definida. Em resumo, com o desaparecimento da escravidão, o elemento negro perdera sua posição no sistema econômico".

Em linhas gerais, dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam o seguinte desenvolvimento da população de 1890 a 1950:

1890	1940	1950	
Branços	6.308.198	26.171.778	32.027.661
Negros	2.097.426	6.035.869	5.692.657
Pardos	5.934.291	8.744.365	13.786.742

O extremo desajustamento da população ex-escrava foi uma das causas que contribuíram para o surgimento de movimentos messiânicos e de agitação social no Nordeste, como em Canudos, onde de 1893 a 1897 foram mortos pelo Exército mais de 3.000 camponeses levantados; ou em Juazeiro do Norte, com a figura do padre Cícero; ou ainda os famosos bandos de cangaceiros. Em Embora continuassem reprimidos, os cultos de terreiro se espalharam. No terreiro, o comunitário predomina sobre o individual. As trocas são baseadas no princípio do dom e do contradom e não no lucro. O bem-estar material é visto como consequência da observância religiosa e não do esforço de trabalho profissional e da ambição de vencer. Após 1910, outro refúgio religioso surgiu: eram os grupos pentecostais. Espalharam-se entre a população marginalizada das cidades, constituindo pequenos grupos coesos onde todos se ajudavam. Pela religião, o pobre acedia a uma dignidade que a sociedade lhe negava. Neste sentido, os grupos religiosos formavam uma contracultura, embora não questionassem, explicitamente, o sistema dominante.

Os escravos libertos integravam-se, progressivamente, na população de sangue africano que já estava livre. Nas cidades, para onde afluíram, as mulheres achavam trabalho como domésticas. Para a maioria dos homens, consta que a escravidão os tenha degradado a tal ponto que sua recuperação econômica foi um processo penoso, difícil e demorado. Ainda em 1940, em São Paulo, conforme os dados do censo, praticamente todos os pretos eram ou domésticas ou trabalhadores braçais.

Entre 1888 e 1930, 3.762.000 estrangeiros chegaram ao Brasil. Usando uma taxa de retorno à Europa estimada em 25%, podemos concluir que nesse mesmo período, 2.822.000 estrangeiros fixaram-se no País. A imigração alcançou seu auge nos anos seguintes à abolição. Entre 1888 e 1900, 1.433.369 imigrantes vieram ao Brasil. Quase 60% desse total eram italianos, a maioria dos quais dirigiu-se para São Paulo. Entre 1901 e 1910, 671.351 estrangeiros chegaram ao Brasil; outros 817.744 vieram entre 1911 e 1920 e finalmente mais 840.205 entre

1921 e 1930 (dados da tabela elaborado por Paul Hugon, Demografia Brasileira).



O número dos negros, só em quatro censos

Genericamente falando, o conjunto da população de cor estava em desvantagem na competição com os trabalhadores estrangeiros. Não obstante, o impacto da imigração européia foi sentido desigualmente por diferentes setores da população não-branca. Os libertos e ex-escravos artesãos e domésticos estavam de alguma forma melhor equipados para enfrentar as novas condições. Parte do grupo de escravos domésticos beneficiou-se em certa medida com a proteção paternalista dos antigos senhores, que lhes asseguraram condições mínimas de subsistência. Contudo, as pessoas de cor com algumas qualificações ocupacionais sofreram a concorrência dos imigrantes nas cidades. Em São Paulo, por exemplo, Florestan Fernandes mostrou como os negros e mulatos concentrados em ofícios urbanos, pequeno comércio e serviços, foram de fato deslocados pelos imigrantes, resultando assim no êxodo de negros e mulatos mais qualificados. Simultaneamente, um numeroso grupo de tra-

balhadores negros rústicos fixou-se nas cidades de São Paulo e Santos para prestar serviços não-qualificados ou levar uma existência precária na periferia urbana.

Mesmo no serviço doméstico — que é até o presente um dos principais redutos ocupacionais das mulheres de cor — a competição com os imigrantes fez-se sentir. No Distrito Federal, por exemplo, de um total de 74.785 empregados domésticos em 1890, 41.320 eram pessoas de cor, 21.090 eram brancos brasileiros e 12.375 eram estrangeiros.

O Distrito Federal — embora não representativo das cidades do Sudeste, pois recebeu o maior número de estrangeiros nos anos anteriores à abolição — formou a maior concentração urbana de negros e mulatos dentro do Sudeste. Os dados referentes à sua estrutura ocupacional em 1890 mostram como a marginalização ocupacional dos não-brancos ocorreu em parte devido à presença dos imigrantes europeus. Mais da metade dos 89.000 estrangeiros economicamente ativos, constituindo um terço da força de trabalho na cidade, trabalhava no comércio, indústria manufatureira e atividades artísticas. Em comparação, 48% dos não-brancos economicamente ativos empregavam-se nos serviços domésticos, 17% na indústria, 16% não tinha profissão declarada e 9% encontrava-se em atividades extrativas, de criação de gado e agrícolas. Esta informação mostra uma grande concentração de imigrantes nos setores de emprego mais dinâmicos. Por outro lado, as 14.720 pessoas de cor empregadas na indústria indicam a incipiente proletarianização de negros e mulatos, prenunciando o que ocorreria no resto da região Sudeste após 1930, quando o fluxo de imigrantes declinou.

No tocante à população não-branca, o mesmo dado sobre o Distrito Federal em 1890 permite uma diferenciação entre mulatos e negros. Os negros, recentemente liberados da escravidão, sofriam desvantagens ocupacionais mais graves. Enquanto 79% dedicava-se a atividades extrativas, de criação de gado, agrícolas e domésticas, ou não tinha ocupação declarada, o mesmo se aplicava a apenas 68% dos mestiços. Inversamente, 29% dos mulatos e 18% dos negros trabalhavam em atividades manufatureiras, comerciais e artísticas.

Quanto aos estrangeiros economicamente ativos, é importante notar que 33.869 ou 38 deles estavam concentrados nos serviços domésticos ou não tinham ocupação declarada. Isso indica que um número substancial de imigrantes, especialmente os recém-chegados, eram incorporados através dos níveis mais baixos da estrutura ocupacional urbana. Não obstante, esse grupo, através de sucessivas mudanças ocupacionais e devido às preferências dos empregadores, experimentou uma rápida mobilidade social e econômica ascendente. Em outras ci-

dades do Sudeste, especialmente Estado de São Paulo, onde o impacto da imigração foi maior, o deslocamento de negros e mulatos por imigrantes deve ter assumido formas ainda mais drásticas.

O NEGRO SEM HISTÓRIA

Denuncia o sociólogo Abdol Nascimento, no seu recente "O Genocídio Negro Brasileiro — Processo de Racismo Mascarado": "As feridas de discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do País. A ideologia oficial ostentava apóia a discriminação econômica — para citar um exemplo — motivo de raça. Até 1950, a discriminação em empregos era uma prática corrente, sancionada pela lei consuetudinária. Em geral, os anúncios procurando empregados se publicavam com explícita advertência: "não aceitam pessoas de cor". Mesmo após a lei Afonso Arinos, de 1951, proibiu categoricamente a discriminação racial, tudo continuou na mesma. Trata-se de uma lei que não é cumprida nem executada. Ela tem um valor puramente simbólico. Depois da lei, os anúncios se tornaram mais sofisticados que antes: requerem agora "pessoas de boa aparência". Basta substituir "boa aparência" por "branco" para se obter a verdadeira significação do enunciado. Com lei ou sem lei, a discriminação contra o negro permanece latente, mas ativa".

O mito da "democracia racial" segundo Nascimento, orgulha-se com a proclamação de que o "Brasil atingiu um alto grau de assimilação da população de cor dentro do padrão de uma sociedade próspera". Entretanto, concordamos com o sociólogo quando afirma que "a realidade dos afro-brasileiros é aquela de suportar uma tão efetiva discriminação que, mesmo onde constituem a maioria da população, existem como minoria econômica, cultural e nos aspectos políticos". Se não, vejamos um exemplo dramaticamente dado no Estado da Bahia. Conforme o censo de 1950, a população desse Estado tinha um destino, de 4.822.024, distribuída-se da seguinte maneira:

Branços	1.428.685
Negros e mulatos	3.393.183

Ocupacionalmente, a distribuição era:

Empregados:	
Branços 23%
Negros e mulatos 76%
Empregadores:	
Branços 51%
Negros e mulatos 48%

(de quase nenhuma significação econômica)

Por outro lado, é esta a participação do negro no sistema educacional da Bahia, em porcentagem:

	Elementar	Secundária	Universit
Branços	54.46%	82.56%	88.1
Negros e mulatos	45.52%	17.43%	11.6

Segundo o censo de 1950, a população do País somava 51.944,397, com a seguinte distribuição:

Branços	32.027.661	61,6%
Negros e mulatos	19.497.399	37,6%

Distribuição ocupacional:

Empregadores:

Branços	82
Negros e mulatos	3

(de quase nenhuma significação econômica)

Distribuição educacional:

	Elementar	Secundária	Universit
Branços	90,2%	96,3%	97,8%
Negros e mulatos	6,1%	1,1%	0,6%

Depois do Censo de 1950, pairou um estranho silêncio sobre a história demográfica dos negros brasileiros. A reinclusão do item cor, no Recenseamento de 80, vem atender não só a

uma velha reivindicação do Movimento Negro Unificado contra a discriminação Racial, como também visar que a História social já não prescindir dos números.

Lançado “Sambas de Enredo”

O compositor Edvaldo Uchoa(Prego), acompanhado de Moacir Silva (ex-Império do Samba e agora de Estudantes de São José), esteve na redação do DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ontem, a fim de falar sobre o compacto duplo, selo Rozenblit, “Sambas de Enredo” para o Carnaval de 1980, no Recife.

Edvaldo Uchoa, disse que “era o primeiro disco de samba lançado no Recife”, depois lembrou que “Estudantes de São José, já tinha gravado, mas em caráter particular”. Disse que gravar samba em Pernambuco não dá muito dinheiro, mas, “dá para compensar e estimular nossos dotes artísticos”.

O Compacto “Sambas de Enredo”, de acordo com seu depoimento, não recebeu apoio financeiro de ninguém, apenas publicitário, e fez questão de dizer que “José Rozenblit deu uma forcinha

para a gravação do compacto”.

“Sambas de Enredo”, traz na Face A, “O Segredo de Enein, Uma Visão do Paraíso”, samba enredo do G.R.E.S. — Estudantes de São José, do compositor e puxador: Edvaldo Uchoa(Prego) e “Dalva a Estrela Maior”, samba enredo do G.R.E.S. — Galeria do Ritmo, dos compositores Edson Vieira, Heleno Louvação e Marcos e como puxador, Marcone Rosa.

No lado B, “Mundo Fantástico dos Sábios e Deuses”, samba enredo do G.R.E. Império do Samba, do compositor Deda Devagar e como puxador Jarbas Boemia, e “No Reino das Sete Cidades”, samba enredo do G.R.E.S. — Samarina, do compositor e puxador Virgílio de Andrade.

O produtor é Jáder de Oliveira, pesquisas João Gomes e Tereza Barreto, regência do Maestro Duda, técnico de som Hélio Ricardo e Jailson Romão, programação visual Ro-

sana Xavier, fotos de Luiz Marinho(Studium), modelos: Roberta — Escola de Sambas Estudantes de São José, Ana, da Escola de Samba Galeria do Ritmo, Zildete, da Império do Samba e Neusa, da Samarina.

Ainda participou do compacto, o coral feminino: Mida, Dóris, Méves e Maria Parisio. E foi gravado ao vivo nas quadras de samba, onde poderá ser adquirido também o disco. As baterias foram das Escolas Samarina, Império, Galeria do Ritmo e Estudantes de São José.

Prego comenta que Estudantes de São José movimentam seu sambão, aos sábados, na Rua da Concórdia, 814; Galeria do Ritmo, às sextas-feiras e domingos, no Morro da Conceição; Império do Samba, aos sábados, no Centro Afrânio Godoy, na Imbiribeira e Samarina, aos sábados, no Afogados Tênis Clube.

Boa Viagem organiza "Sambão Birinaite"

Entre 13 e 19 horas, do domingo, no Boa Viagem Praia Clube, teremos o "Sambão do Birinaite", sem portaria, com apresentação dos sambas que serão cantados nos desfiles de Carnaval. As fantasias do "Birinaite", já estão prontas e no domingo será a prova de fogo para os participantes.

Os cartolas Zezito Magalhães, Júlio César, José Carneiro, Wilson Campos, Martorelli, José Ronaldo, Constantino, Biagio, Raminho, Carlos Marques, entre outros, estão entusiasmados com o provável sucesso do bloco.

"Birinaite Classe "A" — 80", será o enredo do "Boa Viagem em Ritmo de

Samba", do compositor e puxador Edson Vieira e que transcrevemos: "Eu vou, eu vou/ Eu vou brincar/Em Boa Viagem/ Com a Turma Classe A/ Na zona Sul/ Ao nascer do sol/ Boa Viagem começa a brilhar/ E nossas praias ensolaradas/ Com loiras, morenas e mulatas/ Pra tomar banho de mar/ E o cantar da passarada/ Numa sinfonia original/ A natureza está em festa/ Anunciando que chegou o Carnaval".

"I ê ô/ Iê ê ô/ O Samba vem botando prá quebrar/ Iê Iê ê ô/ Abram alas minha/ Prá Birinaite Classe A".

"Ao som do surdo e pandeiro/Repinique e tamborim/ Samba oh nega/ Mexe as ca-deiras Prá mim/ Eu vou..."

Diário de Pernambuco - 10/02/1980: "Povo cai no passo hoje no Pátio", p.a18.

O carnaval de rua do Bairro de São José, considerado como o mais autêntico e o de maior participação popular, começará, hoje, às 10 horas, no Pátio de São José do Ribamar, quando o bloco "Donzelas de São José" estará saindo para desfilar com cerca de 150 garotas — incluindo uma ala infantil — animadas por uma bateria da "Turma do Saber".

Além das Donzelas, há, no Bairro de São José, 11 agremiações que participam do carnaval com o único objetivo: animação, sem itinerário, horário e nenhuma ajuda oficial. O dinheiro gasto com as fantasias e pagamento dos músicos é arrecadado pelos componentes dos blocos.

De hoje até a "Quarta-Feira de Cinzas",

as ruas da Concórdia, São João, Padre Floriano, Avenida Dantas Barreto, Praça do Pirulito e Pátio do Terço estarão superlotados com passistas e sambistas acompanhando os blocos de suas preferências.

DONZELAS

As "Donzelas" estarão abrindo o carnaval de rua no Bairro de São José pela quarta vez e, pela primeira, sairá do Pátio de São José. Anteriormente, a sede era na Rua dos Pescadores. Neste ano, as "Donzelas" desfilarão com o tema: "A Pescaria", as figurantes desfilando com figurinos desenhados por Lucia Helena e Verônica Farias.



O carnaval do Bairro de São José é considerado o mais autêntico do Rio

"Donzelas" não têm compromissos

A presidente das **Donzelas**, Edjane de Oliveira Sobrinho, afirmou que mais uma vez a agremiação será um dos principais destaques do Carnaval de rua no Recife: "Acho que esta idéia do prefeito, fazendo voltar o carnaval-participação, deu uma força muito grande a todas as agremiações do nosso bairro. Pois, aqui, nossa única preocupação é brincar, sem o cuidado de cumprir horário, itinerário e outros "babados". Acredito que a passarela estava acabando com a nossa alegria, mas agora está tudo jóia".

Além das **Donzelas**, no bairro existe outra agremiação formada só por mulheres — a Escola de samba **Traquinas de São José**, que estará desfilando neste ano pela quarta vez. As **Traquinas** é a única formada por

garotas, inclusive à bateria, e nos cordões não admite homem.

As **Traquinas** desfilam na manhã do domingo, saindo da sede, na Avenida Dantas Barreto, 1230, e percorrendo as ruas do bairro em homenagens aos demais grupos. É a que arrasta o maior número de adeptos, muita gente interessada em admirar as evoluções da bateria e o charme das "Traquinas" da ala de frente.

O tema-enredo deste ano é "Ciganas Estilizadas" e fantasias estão sendo confeccionadas. Haverá 130 moças na ala de frente, que, com 40 batuqueiras comandadas por Cleide Vilela, estarão brilhando neste Carnaval.

Engrossa cordão das Traquinas

"As Traquinas" é presidida por Giselda Vasconcelos, chamada carinhosamente por todos de "Tia Gisa", devido ao seu interesse em manter unido todo o grupo. "Desde a nossa fundação são praticamente as mesmas pessoas que desfilam conosco. São irmãs, parentes e amigas de nossas participantes que se interessam em desfilar e com novas adesões a nossa turma vai crescendo a cada ano". Explicou a presidente.

MALANDRINHOS

Da Praça do Pirulito, vai sair na noite de quinta-feira da semana pré-carnavalesca o bloco "Malandrinhos de São José", formado apenas por garotos com idade máxima de 15 anos. É um dos mais interessantes grupos carnavalescos do bairro, pois até o seu comandante é um garoto de 14 anos, o "Caco Velho", que consegue organizar os 80 figurantes.

Apesar de todas dificuldades para adquirir fantasias e até instrumentos para a bateria, os "Malandrinhos", também chamado de "Cheira-Cola", vai desfilar com o tema "pescadores". "Foi a nossa melhor opção que tivemos, pois estávamos ameaçados de não desfilar por problemas financeiros. No final, o espírito carnavalesco venceu e conseguimos superar as dificuldades". Afirmou o mini-presidente, como um autêntico dirigente.

GALO DA MADRUGADA

Das novas agremiações do bairro, a que

está conseguindo maior destaque é o "Clube de Máscaras Galo da Madrugada", que praticamente acorda a cidade na manhã do sábado de Zé Pereira, saindo da Rua Padre Floriano. O Galo vai animar as ruas pela segunda vez e já conta com cerca de 500 participantes em dezenas de alas onde se destacam os "diabos", as "almas", "palhaços", arlequins e todas as figuras tradicionais do nosso carnaval.

Um ponto importante para o sucesso do Galo da Madrugada é o seu espírito alegre, pois o clube sai quando muita gente ainda continua trabalhando duro na manhã do sábado, e sua grande orquestra, composta por 50 músicos, uma das maiores do carnaval pernambucano.

Seus dirigentes não têm medido esforços para que a agremiação continue a crescer, pois, afinal de contas, é a única a ter o autêntico frevo pernambucano como destaque.

DISPUTA

Mesmo não havendo nenhuma comissão oficial para decidir quem é o campeão do carnaval, no bairro existe uma acirrada disputa entre o bloco dos "Donzelos" e a "Turma do Saberé", duas das mais fortes agremiações. Uma pela organização de sua diretoria e a outra pela força da tradição de ser o primeiro bloco dissidente a não participar das disputas oficiais patrocinadas pela Federação Carnavalesca e não se preocupar em receber as verbas da Prefeitura e de políticos interessados em conseguir votos.

Saberé: 20 anos animando o Recife

Agora, em 1980, a Turma do Saberé estará comemorando 20 anos de verdadeiro carnaval-participação e seus dirigentes estão preparando uma grande apresentação para festejar a data. José Washington e Celso, responsáveis pelo desfile, disseram que estão sendo formadas 20 alas, cada uma com fantasias usadas nos anos anteriores. "Este carnaval é muito importante para nós, pois está conseguindo fazer voltar as nossas fileiras muita gente que tinha deixado de desfilar", comentou Celso.

O bloco dos "Donzelos de São José", que sai na segunda-feira ao meio-dia, dá Rua da Concórdia, da frente do Bar de Dona Odélia, vai apresentar o tema "Império Asteca", cantando um samba-enredo composto pela dupla Virgílio de Andrade e Deda Devagar, vencedora do concurso realizado no final do mês passado.

A agremiação vermelho e branco, fun-

dada há oito anos, é a mais organizada do bairro e seus dirigentes esperam, neste ano, conseguir a hegemonia do carnaval. "O Saberé tem uma vantagem para nós, que é a tradição de 20 anos de carnaval, mas já conseguimos alcançar uma posição de destaque e, na segunda-feira, a saída dos Donzelos será realmente a principal atração do bairro", afirmou entusiasmado Aderbal do Rego Barros, um dos fundadores do bloco.

TERÇA-FEIRA

Na terça-feira, a principal atração do carnaval de rua do bairro de São José, será a tradicional apresentação do bloco "Espalha", que é animado por um trio elétrico vindo da Bahia, especialmente para comandar a turma. As fantasias já estão confeccionadas para os 150 participantes, que vão prestar uma "homenagem ao Rei Zulu".



Apesar da idade, os batuqueiros-mirins só perdem em fantasia

Miro sonha com vitória

Miro do Samba, ou Valdomiro Francisco da Silva, 28 anos, tem dois grandes sonhos: ver a escola em que desfila tornar-se campeã e ver os sambas que faz serem classificados em primeiro lugar. Estes sonhos, até o momento, apenas chegaram perto de tornarem-se realidade: a Escola de Samba Labariri, onde esteve até no ano passado dirigindo a ala da bateria, tem recebido destaque nos desfiles.

Quanto ao segundo, o de classificar um samba, também não aconteceu. Mas, para ele valeu a satisfação de, na entrega de troféus, no ano passado, terem tocado uma de suas composições. — Ele fizera “Não vou mais botar meu nome no jornal”, e quando a Labariri tirou o segundo lugar (“perdemos para Gente Inocente, por culpa de Ednaldo Silva, um dos homens do júri”) a diretoria pediu-lhe para executá-la, como desforra.

Miro tem muitos sonhos. Um deles é ser reconhecido como repórter, porque se define como tal, ou ao menos um colaborador da Imprensa. Afirma que trabalhou na Rádio Clube e várias outras redações, e durante o Carnaval, por exemplo, vai quase diariamente procurando jornalistas para lhes dar uma “dica” ou um “furo”. Braços abertos como qualquer político profissional ou em começo de carreira, chega e diz: “Escuta, quando a gente vai ver aquela pessoa que já fez tantas fantasias?”

Neste ano vai comandar a bateria da Escola de Samba Unidos do Massangana, de Santo Amaro, e os Patuscos, de Olinda. Os ensaios na Massangana vêm desde o ano passado, conta ele, e para Patuscos, “embora esteja lá há pouco tempo”, afirma que “tenho levado muitos conhecidos meus para incrementar a bateria”.

Lembra que aderiu ao samba aos 12 anos. A primeira escola em que apareceu foi a Vilela de Campo Grande, “a primeira em que apitei, com enredo de Bahia Antiga” (?). De lá passou para Labariri, onde ficou durante oito anos. “Quando ela passou para Campo Grande, o presidente me procurou para que eu tocasse.

Donzelas de São José vão às ruas mesmo com muita chuva

Nem as fortes chuvas que caíram durante toda a manhã de ontem, aqui no Recife, conseguiram diminuir o entusiasmo e a alegria das 120 participantes do Bloco das Donzelas de São José, que deu início as apresentações oficiais das agremiações carnavalescas no centro da cidade.

Fantasiadas de pescadoras, com samburá, vara de pescar e tudo o mais, as "Don-

zelas" iniciaram seu desfile pouco depois do meio dia, saindo do Pátio de São José do Ribamar, percorrendo todas as ruas do bairro e prestando uma homenagem especial ao

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, quando cantaram suas músicas características.

O DESFILE

Com o acompanhamento de 40 batuqueiros da "Turma do Saberé", as Donzelas

mostraram o verdadeiro espírito do carnaval-participação, sambando, frevando e cantando, sem se incomodarem com a chuva fina que caiu durante quase todo o tempo em que elas desfilaram.

Um grande número de foliões acompanharam a agremiação pelas Ruas da Concórdia, São José, Calçadas, Padre Floriano, Dantas Barreto e Pátio do Terço, sem se

preocuparem com o tempo. Ao final do desfile, a presidente Edjane de Oliveira, estava entusiasmada com o sucesso da apresentação: "Nem a chuva conseguiu diminuir o sucesso de nosso desfile e estou muito satisfeita por isto. As meninas superaram tudo com muito animação sem ligar para a chuva, até as garotas da ala infantil ficaram até o final e isto é muito bom" Concluiu.

Imagem & Som

Fernando Spencer

A "Deusa Negra" que o cinema da AIP estreia na próxima quinta-feira, foi produzido por Jece Valadão. Ele esclarece:

— A idéia de produzir "A Deusa Negra" veio de uma viagem minha à Nigéria, que me mostrou imediatamente a identificação entre os hábitos, costumes e o ritmo nigerianos e brasileiros. É lá que está o embrião de toda a nossa cultura. Além disso, com toda esta explosão cultural negra, era mesmo hora de se produzir o primeiro filme afro-brasileiro, que viesse inclusive valorizar e colocar num plano de destaque, a atuação dos atores negros do Brasil, quase sempre a reboque da nossa própria dramaturgia.

Destas razões até chegar a uma história que refletisse a interligação entre as duas culturas foi fácil. O roteiro de Ola Balogun mostra a Nigéria e o Brasil no século XVIII e hoje é centrado na escravidão. Como os dados brasileiros sobre a matéria foram, em sua maioria destruídos, nós tínhamos mesmo que recorrer à Nigéria.

Depois de pronto, "A Deusa Negra" se transformou num filme lírico, de penetração popular inevitável sem prejuízo do fato social que aborda com rara felicidade. Por tudo isso é que me orgulho de, respeitando as minhas origens, ter realizado o primeiro filme afro-brasileiro".

Nigeriano de 32 anos, um dos pioneiros do cinema em seu país, Ola Balogun realizou nos últimos 10 anos os seguintes filmes de longa-metragem: "Alpha" (1972); "Amadasi" (1974); "Ajani Ogum" (1975); "Musik Man" (1976); e "Freedom Fighters" (1978).

Para Ola, "A Deusa

Filme mostra união cultural nigeriana e afro-brasileira



Negra" (seu sexto filme) pode ser considerado sob dois pontos de vista: o de uma história de amor que dura dois séculos e o de uma busca de raízes ao contrário. Nos papéis de Oluyole e Babatunde e de Elisa e Amanda, Ola queria de início os mesmos atores, mas a idéia acabou prevalecendo, somente para a parte femi-

nina, sendo Sônia Santos a escolhida. Com a parte de Oluyole ficou Jorge Coutinho e interpretando Babatunde aparece Zózimo Bulbul.

— Essa mudança de atores para os papéis masculinos se deu para fortalecer a idéia de que, além de uma reencarnação física acontece também uma reen-

carnação simbólica. Babatunde representa, também, a continuidade das gerações. É o elo entre o passado e o futuro.

Pretendendo mostrar de maneira autêntica elementos da cultura afro-brasileira e ambientar a história numa variedade de estilos de indumentárias que abarcam o período do século XVIII aos dias atuais, Ola fez uma cuidadosa pesquisa e baseou muitos dos figurinos em gravuras de Debret e Rugendas. A forte presença do negro na cultura brasileira é explicada por Ola Balogun como uma necessidade dos povos africanos que vieram como escravos, que tudo faziam para manter sua identidade cultural.

Houve uma condensação de todos os ritos e deuses africanos por uma questão mesmo de sobrevivência e também de afirmação, principalmente como raça. Daí este forte sincretismo religioso e de muitas das divindades iorubanas serem quase as mesmas que são encontradas nos candomblés da Bahia e Rio de Janeiro. Yomoja, por exemplo, é a lemanjá dos irorubás (um dos maiores grupos étnicos característicos da Nigéria). O meu filme é fruto desta síntese cultural e deste sincretismo religioso: ele é a união entre a cultura nigeriana e a afro-brasileira, através de rituais autênticos como candomblé, o maracatu e a capoeira.



A verdade da escola

Após tantos desaforos, tantos pronunciamentos, tantas falácias e mentiras, eis que a Escola Império do Samba resolve não desfilar, mais por falta de dinheiro do que de motivação. A Escola não tinha como fazer face as despesas com o carnaval, não tinha mais ao seu lado o todo poderoso "Pai Edu", não tinha ainda iniciado suas alegorias e muito menos suas compras para o carnaval, e resolveu apresentar a supressão das arquibancadas como motivo da sua ausência.

A verdade veio aparecer. Os "porta-vozes do samba" estão silenciosos. As demais escolas — Gigantes, Galeria e Estudantes — conseguiram do prefeito uma área, tão espaçosa quanto a Av. Dantas Barreto, na Conde da Boa Vista, sendo o bastante para que Império do Samba, que chegou anunciar o seu desfile no Rio de Janeiro, demonstrasse todos a razão do seu espremeio. O medo de enfrentar as escolas rivais.

Geraldo Pereira dos Santos — Recife.

Diário de Pernambuco - 13/02/1980: p.a05

Viana: Não há animação sem dinheiro

Estudioso e autor de vários trabalhos escritos a partir de pesquisas e depoimentos sobre o carnaval de Pernambuco, um dos fundadores da Associação dos Cronistas Carnavalescos, criador dos famosos "Desfiles de Calhambeques" e da não menos famosa "Noite dos Tambores Silenciosos" e agora, mais do que nunca, engajado numa agremiação carnavalesca como presidente do Clube Lenhadores, o jornalista e etnólogo Paulo Viana é, hoje, um desencantado com o futuro da nossa maior festa popular.

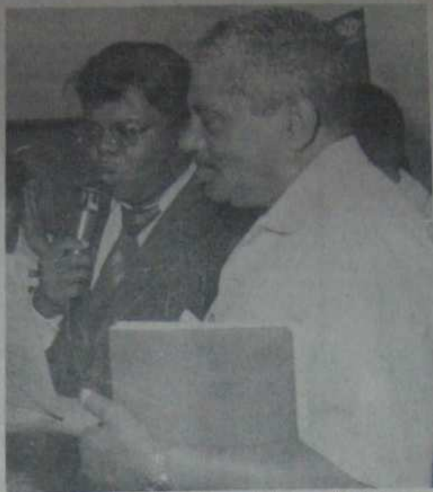
O carnaval — diz ele — é o único divertimento, a única recreação que está ao alcance do povo sem que dele seja exigida nenhuma contrapartida de pagamento. Justamente por isso a grande massa de foliões que acompanha os cordões e que se esbalda no passo e no frevo é constituída quase que exclusivamente dos enormes contingentes de baixa renda, dos biscateiros, dos desempregados, dos integrantes dos dois terços da população marginalizada do Recife.

Contudo, prossegue Paulo Viana, o mesmo não acontece com a exibição de uma agremiação carnavalesca que, de maneira relevante, contribui para minimizar as mágoas, os traumas generalizados, o ódio e a revolta daqueles que na afirmação do prefeito Gustavo Krause só possuem de seu "o dia e a noite". É no carnaval de rua que aqueles "que não comem" — na expressão do mesmo sr. Gustavo Krause — afogam seus dissabores e até esquecem a fome, prolongando a tranquilidade daqueles que em breve "não poderão dormir".

CUSTOS ALTÍSSIMOS

Tomando por base a sua experiência no Clube Lenhadores, o jornalista Paulo Viana demonstra quanto é elevado o custo da exibição de uma agremiação carnavalesca, num investimento altíssimo e sem retorno, tudo para manter viva uma tradição que não é reconhecida, sequer pelo Poder Público, justificando, portanto, o "espetáculo volante de miséria colorida" que a cada ano vem se constituindo o desfile dos cordões carnavalescos da capital pernambucana.

"Quando nos insurgimos, no ano passado, contra a passarela e o "carnaval espetáculo", muitos críticos apressados, inclusive no seio da nossa agremiação, nos atiraram pedras, procuraram nos machucar — afirma o presidente do Clube Lenhadores que a seguir justifica: "é que estávamos com os pés no chão, sentindo o problema na própria pele. A grande maioria das agremiações carnavalescas não possui sede e as que dispõem de sua "casa própria" e promovem reuniões-danças para o público são obrigadas a pagar todos os tributos, taxas e emolumentos cobrados pelos



Viana é conhecedor dos problemas do Carnaval

três Governos da mesma maneira como pagam as quotas mensais do Direito do Autor. A rigor, com honrosas exceções, essas festas deixam prejuízos".

E mais: os quadros sociais desses conjuntos — quando eles existem — são constituídos de homens e mulheres a nível de salário mínimo. Portanto, não podem despendar nada em favor do seu clube, agora a mensalidade, isto mesmo porque é mais vantagem do que comprar um ingresso avulso para participar das festas.

AJUDA IRRISÓRIA

Para o Carnaval de 1980 — continua Paulo Viana — escolhamos uma temática para moldar as fantasias do Clube Lenhadores em cima de episódios históricos conhecidos do grande público. Fomos encontrar na Bíblia Sagrada (Livro de Esther) um tema relativo à libertação do povo hebreu do jugo persa seguindo-se o "Purim — o carnaval dos judeus", apresentando todos os personagens vestimentos leves e desprovidos de luxo, representando cinco povos diferentes que direta ou indiretamente estiveram envolvidos em fatos ocorridos no século II — Anos 438/430 Antes de Cristo. Essas indumentárias, leves e de fácil confecção, seriam ideais para o chamado Carnaval-participação e menos onerosas para o clube.

"Elaboramos — diz ele — então, um orçamento para o Carnaval, estimado inicialmente em Cr\$ 800 mil, constando de despesas fixas e rendas eventuais. Isso foi em setembro do ano passado. Em dezembro constatamos a impossibilidade de execução do nosso projeto orçamentário e fizemos um corte da ordem de Cr\$ 300 mil. Começamos, desde então, campanhas de finanças utilizando os mais diversos artificios. Reduzimos o nosso orçamento para Cr\$ 400 mil

cruzeiros e ainda estamos enfrentando seríssimas dificuldades para atingir essa modesta meta.

"A ajuda da Municipalidade que no conjunto global soma mais de Cr\$ 2 milhões representa, isoladamente, para uma agremiação de primeira categoria apenas Cr\$ 50 mil. Essa importância corresponde, exatamente, ao pagamento de uma fanfarrá para uma saída da agremiação. E os outros dois dias de Carnaval? E as fantasias que deverão cobrir as carnes de andrajosos do ano todo? Como pagar costureiras e um número sem fim de artesãos que trabalham e mourem na confecção de indumentárias, chapéus, enfeites de mãos, etc?"

"Na Roma dos Césares, era dever do Estado dar ao povo — pão e circo — isto é, o Poder Público tinha obrigação de financiar diversão para o povo mas, entre nós, o povo se quiser carnaval que o promova às suas custas. Essa é que é a expressão da verdade. Pois, no nosso Clube Lenhadores, com um orçamento reduzido para Cr\$ 400 mil, deduzindo os Cr\$ 50 mil doados pela Municipalidade, teremos de conseguir Cr\$ 350 mil — o que ainda não foi obtido — se quisermos contribuir para a alegria circense do carnaval do povo".

ALGUMAS DESPESAS

Não existe mais, nos dias presentes, aquilo que no passado se denominava "amor clubista". Qualquer trabalho, por insignificante que seja, tem que ser remunerado, mesmo simbolicamente. Imagine-se quantas tarefas e serviços são necessários para se vestir e arrumar nada menos de 400 pessoas que não dispõem, sequer, da passagem de ônibus para vir ao centro da cidade, lembra, acrescentando:

— Hoje, contando apenas com aquela insignificante ajuda do Município, o

Clube Lenhadores está comprometido em pagar as seguintes despesas: orquestra — Cr\$ 120 mil (três saídas); tecidos diversos — Cr\$ 130 mil; Aviaamentos e acessórios — Cr\$ 50 mil; costureiras e artesão diversos — Cr\$ 100 mil; transporte (ônibus) — Cr\$ 15 mil; despesas eventuais: — Cr\$ 80 mil. Agora outras pequenas despesas que não são contabilizadas. Tecnicamente não se explica. É negócio para milagre. Mas o clube tem que se exibir porque o "povo precisa de pão e de circo..."

NO FUTURO

Finalizando, o jornalista Paulo Viana, presidente do Clube Lenhadores, revela a solução futura do problema presente: "Desde que assumimos a presidência do "Leão da Boa Vista" estamos pondo em execução um plano revolucionário que a curto e médio prazos transformará o Clube Lenhadores numa agremiação auto-suficiente, através da realização, na sede social, de cursos profissionalizantes.

Caso não haja nenhum contratempo e o "Leão" venha a receber este ano, o instrumental de sopro que nos foi assegurado pelo ministro Eduardo Portela, da Educação, através da Funarte, iremos fazer um carnaval diferente em 1981. Isto é, com despesas reduzidíssimas, uma vez que, contando com a nossa própria orquestra, só iremos comprar no comércio as fazendas e os adereços. O resto ficará a cargo do nosso corpo social.

Então, o Clube Lenhadores — sem quebrar a sua tradição pois, pelo contrário, retornará às suas raízes — promoverá o seu carnaval de bairros, visitando as residências dos seus diretores, associados e simpatizantes envolvendo, também, os participantes dos cordões na alegria contagiante da folia, desprezando aquela postura de "múmiás ambulantes", tamanho o peso das suas indumentárias. Deixaremos de concorrer ao título de campeão do Carnaval, é bem verdade, mas por outro lado, o clube encerrará essa orgia de elevados investimentos a fundo perdido. Vamos ser realistas e desprezar a doce ilusão de que "mais vale um gosto do que seis vinténs" porque iremos agora, nesta época de dinheiro exccasso e desvalorizado inverter o velho adágio: iremos preferir os "seis vinténs" e aplicá-los em realizações mais objetivas e mais realísticas do que o "gosto" de ser campeão do carnaval, conquistado a duras penas "pra ver tudo acabar na quarta-feira...". Temos objetivos mais nobres e mais relevantes para investir o dinheiro dificilmente conquistado pelo clube, conclui o presidente de Lenhadores, lembrando aos "críticos apressados" que há consenso para o atingimento dessas metas, no seio da agremiação.

“Estrela” promete vencer este ano

“No ano passado, derrubaram meu maracatu. Achei uma injustiça. Passei da primeira para a segunda categoria. Depois inventaram uma anistia e voltei para a primeira novamente. Também achei outra injustiça, pois eu queria subir como descí, lutando”, declarou ontem o presidente José Matias de Albuquerque, do Maracatu Estrela Brilhante.

Este maracatu foi fundado em 1910 e desfilará com 115 figurantes, e como o próprio presidente diz “desfilarei como de costume, para vencer”, para depois com um ar de preocupação salienta: “Se não aparecer uma comissão como a do ano passado”.

O Estrela Brilhante, tem a rainha mais importante do carnaval e José Matias frisa: “Maria Madalena dos Santos é a substituta verdadeira de Dona Santa”.

Indagado se o samba estava acabando com o verdadeiro carnaval do Recife, ele foi taxativo: “Samba é feito menino rebelde. Quer entrar de todo jeito. Porém temos que lutar, e graças ao prefeito atual, nós não vamos deixar que o frevo e o maracatu sejam relegados a um plano inferior”. E depois com muito orgulho, “maracatu é, foi e será o esteio principal da nossa festa. O carnaval de Pernambuco começou com o maracatu”.

Sobre as despesas, que ele tem como presidente de clube, não quis precisar, apenas preferiu comentar que já gastou mais de 50 mil e vai precisar de mais 50 mil cruzeiros para desfilar no carnaval. “Somente com um figurante eu gastei 10 mil cruzeiros na sua fantasia, para se ter uma idéia a costura somou 3 mil”, disse José Matias.

Mas não deixou de pedir que o Governo desse maior incentivo para o verdadeiro carnaval de rua, “pois somente ele pode nos dar dinheiro para solucionar os problemas. Maracatu é uma brincadeira pobre, mas se precisa de dinheiro”.

A Prefeitura já pagou a sua cota, no valor de 15 mil cruzeiros, “isso não dá nem para pagar a orquestra”, e deixou claro sua ansiedade para a subvenção que os deputados farão para o Estrela Brilhante. “É preciso que eles acreditem no maracatu”, continuou.

Sobre seus principais concorrentes, o José Matias preferiu comentar que “tanto o Indiano como o Leão Coroado fazem uma política contra o nosso maracatu enquanto prefiro colocá-lo na rua”.

E finalmente dizendo: “No ano passado perdi o carnaval, o título e a categoria, mas este ano quero voltar a brilhar. Afinal de contas somos tricampeões do carnaval pernambucano”.

Zélia, 7 anos costurando para Momo

Com exceção do mestre sala, todas as fantasias da escola de samba Labariri estão sendo feitas por Zélia. É um trabalho que se repete há sete anos, desde o dia em que o marido Valfrido, o diretor da Escola teve uma crise ("ele intê chorou", conta) porque a costureira não estava dando conta do recado e o Carnaval já estava próximo.

Ela disse: "Não se aperreia, eu pego na máquina agora". Daí em diante passou a ser a costureira oficial da escola. Sua casa, em Campo Grande, que também é a sede da Labariri, vive sempre cheia de gente para ajudá-la na costura ou para preparar as alegorias. E quando mais perto está o dia do desfile, o serviço dobra e praticamente ninguém dorme. Tudo se concentra num único objetivo: terminar as fantasias para a Labariri brilhar nas ruas.

Além das costuras, Zélia também se encarrega de comprar o material e supervisionar o serviço das ajudantes, entre elas suas duas filhas e a portabandeira Denise, que há sete anos também desfila pela escola. Miro e Boêmio desenharam as fantasias, em função do tema para este ano, baseado na "Aquarela do Brasil", de Ari Barroso.

Zélia já preparou mais de 700 fantasias, e ainda falta uma parte. Passistas,

batuqueiros, puxadores de ala, figurantes dos carros alegóricos, todos tem suas roupas feitas por ela e sua equipe. E o trabalho tem de ser realizado com muito cuidado e atenção. Zélia gosta de caprichar, mesmo porque assumiu um compromisso com a escola desde aquela noite, sete anos atrás.

As fantasias são diversificadas, pois falam de todas as regiões brasileiras. A roupa dos batuqueiros é mais simples, calça e camisa brancas, colete; mas existem, as criações especiais para os quatro carros alegóricos. Num deles, por exemplo, serão homenageados artistas que contribuíram para a música brasileira, como os compositores Noel Rosa, Dorival Caymmi e, logicamente, Carmem Miranda. Além deles, haverá outras figurações, como a ala que representará o ciclo das bandeiras paulistas (os bandeirantes).

Desde janeiro, a escola vem realizando ensaios semanais à frente de sua sede, na Rua Ermílio Gomes, nas noites de segunda e quinta-feiras. O samba enredo para este ano foi composto por Ronaldo Neves, e vai ser cantado por "Gato Molinho". A Labariri tem um mascote, é o menino Ângelo Marcos Neto de Zélia e Valfrido, que apesar da pouca idade, sai com orgulho e raça puxando a ala da bateria.

Samba em Jaboatão sem passarela

A Prefeitura do Jaboatão, através da Secretaria de Turismo, Recreação e Desportos, resolveu criar, para este ano, uma comissão especial para julgar e premiar as cinco escolas de samba de primeira categoria do município, inscritas para desfilar nas ruas Barão de Lucena e Praça Nossa Senhora do Rosário, na Sede, das 20 às 22 h da segunda-feira de carnaval, obedecendo assim à programação oficial do Carnaval Povão — Ano 80. A providência adotada neste ano deverá ter continuidade nos próximos carnavais, objetivando incentivar, dessa maneira, as agremiações no zelo pelo bom gosto e melhor aprimoramento no desenvolvimento cultural e artístico.

Sobre a medida, o prefeito Geraldo Melo observou que “nada tem a haver com a institucionalização de um carnaval ou a estilização desse carnaval, o que privaria os

foliões da liberdade de participar dos festejos momescos juntamente com as escolas de samba. Ao contrário, não haverá passarela oficial, uma vez que a Comissão Julgadora ficará instalada em um palanque livre apenas em condição de observar à distância as evoluções das escolas de samba, em condição de julgar os requisitos previstos nos concursos.

A Comissão Julgadora, composta por “experts” no assunto e jornalistas pernambucanos, caberá analisar cada escola de samba em critérios de julgamento com enredo, letra e música; ala de show de sambistas; alegorias de carro e de mão, além de destaques e o aspecto visual como um todo.

PRÊMIOS

Para o certame estão inscritas as escolas de samba Rebeldes do Samba (a mais antiga do município que figura como segunda categoria

no carnaval recifense), Melodistas do Samba, Grupo Jurubeba, Escola de Samba Caxias e a mais jovem agremiação dessa categoria, a Sambacana, que neste ano participa pela segunda vez como agremiação de primeira categoria.

As cinco escolas de samba se apresentarão com mais de 300 figurantes, cada uma, e atualmente elas se mantêm num trabalho de arregimentação de suas alas com uma série de ensaios visando atingir o maior índice de aproveitamento, principalmente no que se refere a evoluções e bateria.

Ao grupo que conquistar o primeiro lugar, caberá o prêmio de Cr\$ 10 mil e a Taça Prefeito Geraldo Melo. A escola segunda classificada receberá o prêmio de Cr\$ 5 mil e a taça vice-prefeito Humberto Barradas, enquanto que a terceira colocada será premiada com Cr\$ 2,5 mil e outros prêmios oferecidos pela Prefeitura Municipal do Jaboatão.

Diário de Pernambuco - 15/02/1980: p.a08

Tambores voltam a silenciar

— A "Noite dos Tambores Silenciosos" será realizada mais uma vez, este ano, no mesmo local, dia e horário das vezes anteriores, com a participação dos maracatus de "baque virado" ou "nação africana" e de um jogral constituído por um grupo de jovens negros.

O desabafo é do jornalista e etnólogo Paulo Viana — criador daquela cerimônia mística que há 15 anos vem sendo repetida à meia-noite da segunda-feira de carnaval, diante da Igreja do Terço, algumas vezes às suas expensas e sem nenhuma interferência de órgãos públicos, com a colaboração dos integrantes do Teatro Equipe do Recife.

ORIGEM

Explica Paulo Viana que, anteriormente à oficialização do carnaval, ao tempo em que as agremiações carnavalescas não eram tuteladas e percorriam livremente as ruas da cidade sem itinerários prefixados, os maracatus do Recife quando demandavam ao centro, costumavam fazer louvações a Nossa Senhora do Rosário — padroeira dos homens de cor — através de danças e cantos de lóas executados em frente às igrejas do Rosário da Boa Vista, Rosário dos Pretos (Santo Antônio) e no Pátio do Terço.

Com a oficialização do carnaval, que adotou itinerários obrigatórios e horários rígidos para exibição dos vários conjuntos, os maracatus não tiveram mais condições de prestar aquela homenagem à sua patrona. Jornalista também vinculado aos festejos e promoções do carnaval, sempre de maneira espontânea e sem o respaldo de nenhum cargo público, tomei a iniciativa de restabelecer aquele costume secular, concitando os dirigentes das "nações africanas" a homenagearem a Virgem do Rosário, diante da Igreja do Terço (local mais aproximado do encerramento dos desfiles oficiais), após o cumprimento das obrigações previstas em lei municipal.

Com a adesão dos maracatus, a partir de 1965, vim promovendo a concentração dessas agremiações, nas segundas-feiras de carnaval, à meia-noite, para a realização daquela cerimônia mística, durante a qual, os integrantes dos maracatus de "baque virado", reverenciam com cânticos e danças espontâneas a padroeira dos homens pretos.

AUTO DRAMÁTICO

A cerimônia, que a princípio era isolada, passou a se realizar em conjunto. Atraíram curiosos. Tornou-se uma grande atração dentro do carnaval do Recife, sobretudo pelo seu caráter místico e

contrastante às loucuras do reinado de Momo. Tendo sido autor da idéia e realizador da iniciativas, resolvi dar maior dimensão à cerimônia que, sem outros comprometimentos, havia dado o título de "Noite dos Tambores Silenciosos", estendendo a homenagem, também, aos negros que morreram sob o guante da escravidão, já que as origens do nosso carnaval são eminentemente negras.

Acrescentei, à louvação dos maracatus a Nossa Senhora do Rosário, a encenação de um Auto Dramático desenvolvido sobre um despretenso poema que escrevi, no qual se evoca toda a odisséia do negro desde sua caçada nas terras da África até o seu sofrimento dos dias presentes. Esse auto dramático tinha o desempenho dos integrantes do Teatro Equipe do Recife e, para complementar, como se tratava de homenagem a mortos, incluímos o toque de silêncio (de caráter universal) no decorrer dessa última parte da cerimônia.

Vale ressaltar que essa promoção, nunca "descoberta" antes por sociólogos auto-titulados, nem merecedora de maiores atenções por parte das televisões locais (o horário coincidia com a parte nobre dos desfiles oficiais), cresceu e agigantou-se de fora para dentro. Isto é, as televisões alemã, francesa e argentina vieram ao Recife, exclusivamente, documentar a "Noite dos Tambores Silenciosos", o mesmo ocorrendo com alguns jornais e periódicos norte-americanos e europeus.

Não seria tão ingênuo em afirmar que a promoção despertou a atenção de veículos de comunicação de massa internacionais pela sua riqueza e encenação artísticas, pelo desempenho dos seus intérpretes pois, reconheço, como profissional de Imprensa, que a grande atração da "Noite dos Tambores Silenciosos" reside, justamente, na sua força mística e contrastante. A força de parar, por alguns minutos, toda a efervescência do trepidante carnaval do Recife para se reverenciar negros anônimos que morreram sob o regime escravo, isso num ambiente de respeito, compunção e, silenciosamente.

A repercussão que a "Noite dos Tambores Silenciosos" encontrou fora do Estado e particularmente a sua divulgação no Exterior, incomodou a muitos "cientistas sociais", muitos estudiosos da cultura afro-brasileira e, desde então, o malho "tem valdiado" sobre o lombo deste modesto folclorista que nunca procurou "faturar prestígio nem pecúnia" por muitas realizações que tem logrado exe-

cutar malgrado a posição e o combate sistemático de inúmeros medalhões.

Há um certo "aprendiz de feiticeiro" que todos os anos combate essa promoção, usando os mesmos conceitos, as mesmas telas, os mesmos argumentos, ditados pelo despeito e pela incapacidade de "realizar algo" que encontre ressonância. Afirma, o "cientista" que se trata de alienação, deturpação da tradição original e pura; classifica o meu poema de semi-erudito e acima do entendimento dos participantes e que o toque de silêncio (consagrado universalmente em todos funerais) é agressivo, por ser europeu. E não satisfeito, tendo sido agora contratado como "assessor" da Fundação de Cultura Cidade do Recife, está convencendo ao presidente do órgão a esvaziar ou simplesmente extinguir a "Noite dos Tambores Silenciosos", como se se tratasse de iniciativa dessa fundação ou que se realizasse sob o seu patrocínio ou às suas expensas.

NÃO SERÁ AGORA

Num flagrante despeito e num acintoso gesto de apropriação indébita a Fundação de Cultura da Cidade do Recife inseriu no "folder" de eventos do mês em curso uma informação destacada insinuando a "Noite dos Tambores Silenciosos" como se fora promoção sua e, o que é mais grave, num atentado ao "direito de outrem", transferindo a solenidade para o adro da Igreja do Rosário de Santo Antônio e para o domingo de carnaval.

Salvo melhor juízo, há informações de que não seria permitida a realização dessa cerimônia mística, de minha iniciativa, no seu local, dia e horário costumeiros. As providências para sua realização estão tomadas, desde já, em caráter particular e não oficial como sempre foi feito no decorrer de 15 anos. Contudo, como "caldo e precaução" não fazem mal a ninguém estou acionando um advogado para impetrar junto à Justiça a medida cautelar que possa assegurar a realização tranqüila, como nos anos anteriores, da "Noite dos Tambores Silenciosos". Para tanto, estou convocando a comunidade negra do Grande Recife para que venha, segunda-feira de carnaval, a meia-noite, prestigiar a "homenagem que é prestada à memória dos nossos antepassados africanos", porque esperamos que essa promoção não venha a ser extinta agora quando os negros, de um modo geral, estão se conscientizando para repelir e combater toda sorte de preconceito ou discriminação racial, mesmo aquelas disfarçadas ou acobertadas por vários sofismas.

Edvaldo faz 10 sambas para escolas do Recife

Edvaldo Uchôa, o Prego, compôs este ano 10 sambas para o carnaval. Uma para o Birinaite Classe A, de Boa Viagem e outra para Sambarcana de San Martin; as oito restantes para agremiações do bairro de São José. Dessas, "O Segredo de Enein, Uma Visão do Paraíso" foi classificada em primeiro lugar pelo júri que escolheu o samba enredo da Estudantes.

Foi entregue um troféu, que ele considera "o mais bonito no estilo de taças" e posteriormente, a música foi gravada em compacto duplo pela Rosenblit. Ele, logicamente, diz que seu samba é o que tem mais aceitação popular no disco. "A melodia é boa e de fácil assimilação", afirma.

Edvaldo compõe músicas

para Carnaval há quatro anos e assinou, recentemente, um contrato com a gravadora Rosenblit, por dois anos. Ele é o autor de letra e música e vai puxar o samba nos desfiles de Estudantes. A letra: "O Segredo de Enein, uma visão do Paraíso/ É o tema de Estudantes/ Neste Carnaval tão lindo ... Partiram da Espanha em caravelas/ Em busca dos tesouros de além-mar/Heroicos navegantes/ Enein sonhava encontrar/... Enein era uma cidade colossal/ Cristalinas cachoeiras/ E montanhas de cristal/ ... Mas quando "Jaci" surgia enfeitiçava o lago-mar/ o Eldorado fascinante/ Era o rei coberto em ouro, poderoso do lugar/ ... Boi-tatá, Saci Pererê/ O pavão Misterioso/ Estão aí pra você ver".

Diz uma lenda que quando Iara sobe aos barcos para pentear-se, à meia-noite, hora em que as águas do rio São Francisco param para dormir, as almas de todos os barqueiros mortos, sobem às estrelas. Inspirado nela, o artista plástico Nazareno Petrúcio, mestre-sala, secretário e figurinista da Preto Velho, criou o tema para este ano.

Preto Velho desfilará pelas ruas de Olinda saindo da sede, no Alto da Sé, às 18h30 deste domingo e, na terça-feira, do Bairro Novo (em contraponto ao horário divulgado no roteiro oficial das agremiações, 17 horas). Com 350 elementos, nove alas, carros alegóricos, figuras de destaque, três sambas-enredo e um orçamento calculado em 450 mil cruzeiros, a escola mostrará como é "No Encanto do Rio São Francisco, uma Viagem às Estrelas".

Praticamente às vésperas do desfile, saiu uma "bomba": Pernalonga, que no ano passado desfilou glorioso como destaque da escola, foi cortado neste ano. Os batuqueiros, temendo sua "pinta", forçaram a diretoria a cancelar a participação, sob ameaça de não mais tocarem no desfile. E o grupo Vivencial também não desfilará, pois não manteve mais contatos com a escola.

Haverá, de qualquer forma, outros destaques e mais algumas "pintas". Desfilarão Elba Ramalho, Baby Amorim, Rogério e Naná Breuel; Ilva Nascimento, Lúcia Santos, Graça Pacheco e Marli (na ala das negras) e do "pessoal de teatro" Macalé (não confundir com compositor e cantor), que substituirá Pernalonga, Dida Pereira e Valdi Coutinho. Entre os padrinhos das diversas alas, aqueles que auxiliaram nas despesas, estão o deputado Barreto Guimarães, Jean François — que também é um dos batuqueiros, Lucia Martins e Pai Edu.

Na frente virá a diretoria, todos vestidos de acordo com a moda de 1910, lembrando Delmiro Gouveia. Atrás, 27 crianças entre 10 e 12 anos, com malhas e pingentes, simbolizarão os reflexos dos pingos d'água. A terceira ala é uma das sensações: "Delmiro Gouveia, aço, linhas e carretéis". Como se diz que ele foi o precursor do uso do automóvel no sertão, não faltará um carro da época. Os detalhes são segredo. (O deputado Barreto Guimarães é o padrinho desta ala...).

"Oba-Oba, o Caboclo d'água Chegou" é a seguinte. São 25 rapazes representando o caboclo que mora numa gruta de ouro do São Francisco. Uma concessão foi feita ao dourado, nesta ala, pois as cores da escola são rosa, verde e branco, as mesmas da Mangueira, Rio, onde desfila Alcione, madrinha dos batuqueiros de Preto Velho.

"As baianas, as cascatas" (Alusão ao movimento das águas) vêm na quinta ala, patrocinada por Pai Edu. Mestre Zumbi virá em seguida, com 30 capoeiristas, formando a sexta ala. Outra sensação será "No Encanto de Iara", representada por Silviá Pontual e tendo Macalé como destaque, sobre um carro alegórico. Na "ala show" virão 12 sambistas fazendo evoluções e malabarismos.

Zeus, a porta-bandeira, e Nazareno Petrúcio, como mestre-sala, se apresentarão logo atrás ("as duas fantasias custaram 30 mil cruzeiros", diz Zeus, também "relações públicas" e responsável pela ala feminina). Fechando o desfile, virão os compositores e a bateria. Serão três sambas-enredo: O primeiro classificado, autoria de Alex, Sérgio e Paulinho de Olinda, do Concerto Viola; o segundo, de Jobson o "jobinha" e o terceiro de Petrúcio, o batuqueiro.

A escola movimentou 12 costureiras e alfaiates, sob a supervisão de Jorge e Graça Vieira, e seis artesãos — Lelé (sandálias de couro), Neilton (máscaras e alegorias), Bau (marcenaria), Eduardo (adereços), Chiquinho e Zefinha.

Como as outras agremiações, a escola não deseja que o trânsito de carros, a despeito do policiamento e do esquema traçado para este ano, perturbe seu desfile. Se os carros dos moradores permanecerem fora dos estacionamentos e se for permitido o "livre trânsito" o esquema será furado. Que se cuidem os proprietários, pois as agremiações, afirma Nazareno Petrúcio, "lutarão contra os carros na cidade antiga. Eu mesmo, se vir algum, serei o primeiro a riscá-lo".



A Troça Pitombeira dos Quatro Cantos fará maior desfile no segundo dia de Carnaval em Olinda

“Couro de Bode” quer 1º lugar

“A Escola de Samba Couro de Bode vai partir firme para conquistar o título do segundo grupo para no próximo ano disputar entre as grandes escolas do Recife”. Quem garante isto é o sambista José Carlos de Araujo, o popular Charles, que estará comandando a apresentação da escola na Avenida Conde da Boa Vista.

No Carnaval deste ano, Couro de Bode estará apresentando o tema “Carnavais da minha infância”, preparado pelo folião “Paraná”. O ponto alto da escola é sua bateria, formada por 80 batuqueiros, comandados por “Lionho Peixeiro” e “Nido Vilanova”, que têm ensaiado desde dezembro do ano passado.

RME

“Esta minha participação na Couro de Bode é muito importante pra mim, pois foi lá que eu comecei a dar os primeiros passos no samba, em 1967. Foi lá que pela primeira vez

enfrentei uma passarela, tornando-me conhecido e passando a desfilar em Estudantes, Gigantes, Saberé, Arrastão e nas Diplomatas de Amaralina, em Salvador.

“A Escola, este ano, realmente vem com a corda toda, disposta a conseguir o título desbancando Império do Asfalto, apontada como a favorita. Nós estamos preparados com força total e as fantasias, alegorias e outros detalhes estão sendo organizados pela diretoria que não tem medido esforços para alcançar o título”, afirmou o sambista.

“Charles” não concorda com o carnaval-participação, achando que é melhor o carnaval-espetáculo, com passarela e tudo. “Sem passarela não dá pra gente fazer as evoluções com tranquilidade, pois todo mundo invade e impede a passagem da escola.” Mas mesmo assim, ele garante que estará firme à tarde, desfilar por Couro de Bode e, à noite, ajudando Gigantes do Samba a ser a campeã do primeiro grupo.

“Donzelos” no Império Asteca

Cerca de 200 componentes na ala de frente 35 batuqueiros, comandados pelos mestres Idomiro e Arlindo de dona Biu, estarão participando do grande desfile de segunda-feira do bloco Donzelos de São José, que estará saindo às 11h30, no meio-dia da Rua da Concórdia, apresentando o tema “Império Azteca”.

Todas as fantasias estão praticamente prontas, restando pequenos detalhes a serem finalizados pelo figurinista Paulo, que afirmou estar fazendo o possível para entregar tudo até amanhã. “A fantasia deste ano está mais difícil de ser costurada pois tem muitos detalhes. Mas o trabalho compensa, este será o ano em que os donzelos sairá mais bonito”, comentou.

PROVIDÊNCIAS

O presidente Murilo Guimarães não tem muito tempo para descansar nos últimos dias, restando tudo para que o desfile seja o grande sucesso de todos os anos. “Toda a diretoria está

trabalhando intensamente resolvendo os problemas das fantasias, carro alegórico e da bateria, mas tudo está correndo bem”.

Além da apresentação de segunda-feira, a grande atração do bairro de São José, o bloco promoveu ontem a abertura do carnaval da Rua da Concórdia, contando com a participação do Trio Elétrico do Espalha, dos Fofinhos, das baterias dos Donzelos, das Traquinas e de Estudantes de São José. Este vai promover o seu sambão vermelho e branco.

“No Carnaval de 1980, os Donzelos vai promover a animação na Rua da Concórdia, contando com o apoio da Fundação de Cultura Cidade do Recife, que iluminou o trecho entre as Ruas do Peixoto e São João e instalou um palanque para apresentações das principais agremiações carnavalescas no Recife. A festa começa hoje (ontem) e só termina na Quarta-Feira de Cinzas, com a saída dos Atrazadinhos do Katebofá”, disse o diretor Paulo Germano Farias.

Zinaldo mostra seus méritos em Gigantes

O presidente do Conselho e da Comissão de Elaboração do Enredo do Grêmio Recreativo Escola Gigante do Samba, Zinaldo José da Silva, com uma sacola de mão, onde traz documentos, papéis de anotações e o "principal de todos", como ele próprio definiu, muito orgulhoso, dois diplomatas outorgados pela "Beija-Flor e Mangueira", fala de sua escola.

"Neste ano, desfilaromos com 2.500 participantes, 8 destaques, 3 alegorias, cujo o enredo é "Sinfonia Carioca". Como todo cartola, nunca sabe os gastos certos, apenas faz um cálculo de "800 mil cruzeiros neste carnaval" e depois explica porque: "muitos destaques confeccionam suas fantasias com recursos próprios, por amor à sua escola".

Inimigo número um da idéia de não ter passarelas, ele manifesta seu repúdio, na frase: "Colocar uma sambista, com trajes sumários, ou com fantasias caríssimas misturado com o povo é um crime". E depois de lembrar as escolas do Rio, Zinaldo comenta: "Samba não é coreografia de massa, como o frevo. O samba exige uma coreografia individual, na qual a escola traz para a passarela uma estória

que muitas vezes é desconhecida do público".

E prossegue: "Como foi o caso de Macunaima, da Portela, e o enredo de China. Como podemos contar esta estória para o povo, quando nós temos o povo dentro da própria escola dificultando a caracterização do personagem do enredo?"

Sobre a "Sinfonia Carioca", Zinaldo não quis falar, "é um segredo de Estado", e depois, em tom de brincadeira, "se a gente conta, muita gente pode nos botar para trás".

Prefere falar de sua bateria, alegando que ela é a melhor de Pernambuco, "já estourou até vidraças na rua da Imperatriz". E garbosamente, fala que seus batuqueiros são natos do morro. "Temos 200 para transformar nossa escola em campeã.

Da letra, o presidente do Conselho da Escola, diz que é de Manoelzinho, "que tem letras até em livro didático do primeiro ao quarto grau", e cantarola um pouquinho: "Ei, ei, eá-/Sinfonia Carioca é o tema/Que Gigante vai apresentar/Na sutileza do amanhecer/Um lindo dia/No Rio se anuncia/A começar para o banho de mar/Copacabana.



Com diplomas da "Beija-Flor" e "Mangueira" Zinaldo samba em "Gigantes"

Muitas opções em São José

No bairro de São José, os foliões terão muitas opções para "curtir" o verdadeiro "Carnaval-Participação", começando pelo desfile da tradicional "Turma do Saberé", que neste ano está comemorando 20 anos de folia. Outro grande destaque é a escola de samba "Traquinas de São José", a única do Brasil formada somente por mulheres, inclusive a bateria.

Além desses dois, sairão o bloco dos "Pierrôs", com orquestra de Pau e Corda, e o "Boi Traildu", que participa do tríduo momesmo pela primeira vez, saindo com 45 figurantes, o "Mateus", a "Ema", a "Burra", o "Capitão" e tudo mais, fazendo reviver o tradicional carnaval pernambucano.

Apesar de estar sendo transformado em bairro exclusivamente comercial, São José mantém a tradição carnavalesca, com a folia sendo organizada pelos próprios moradores, que não se deixam influenciar pelo interesse político e organizam os grupos, arrecadando dinheiro e promovendo festas para não precisarem de ajuda oficial.

A qualquer hora, de dia ou à noite, durante o Carnaval, os foliões saem batucando, cantando e dançando em uma rua do bairro. A abertura da Avenida Dantas Barreto provocou uma grande modificação na estrutura de São José do Ribamar, mas, mesmo assim, os moradores continuam organizando suas festas, seja na Rua da Concórdia, no Pá-

tio do Terço, ou na Rua Padre Floriano.

Enquanto as outras agremiações do Recife preocupavam-se em se organizar exclusivamente para o desfile oficial, seguindo o exemplo das escolas de samba do Rio de Janeiro, as agremiações do bairro seguiam o exemplo da "Turama do Saberé", o primeiro bloco dissidente da cidade, e faziam o verdadeiro "Carnaval-Participação", percorrendo todas as ruas do bairro na maior "desorganização" possível.

Lá, existem quase 20 agremiações carnavalescas e apenas três disputam os concursos oficiais da passarela (Vassourinhas, Batutas e Estudantes de São José) o que demonstra o espírito carnavalesco dos moradores.

IVIVO PÚBLICO ESTADUAL

O Recife tem um dos mais autênticos carnavais brasileiros. Esta autenticidade aparece nas figuras dos verdadeiros foliões vindos do povo. Em pleno Carnaval estão, hoje, no VIVER, dona Madalena, a rainha dos Maracatus; Luiz de Franca, o afilhado de dona Santa; dona Moça, que aos 81 anos desfila na avenida e Vicente Vitorino de Almeida, que amarga a tristeza do "Bagaço" não sair.



Madalena, da Estrela Brilhante: "Eu sou uma valorosa, rainha, não Dona Santa é que foi rainha do Carnaval"

*De lutas e sonhos é feita
a vida das grandes figuras
do carnaval pernambucano*

Texto: Fernanda d'Oliveira

Tendo pertencido aos Maracatus "Leão Coroado" e "Indiano", Madalena dos Santos — mais conhecida como dona Madalena — faz parte do "Estrela Brilhante" há seis anos. O porquê de ser considerada uma grande figura do Carnaval pernambucano, ela mesma não sabe: "Brinco Carnaval há vinte anos e cai na simpatia do povo e, até mesmo, das pessoas da Empetur e Radialistas. Acho que gostam do meu desfile; por isso, me consideram uma grande folião".

Dona Madalena escolheu desfilar em Maracatus, porque nele vai uma parte do espiritual. "Faço o culto africano a São Jorge — Ogum — e o "Estrela Brilhante" vai para a avenida com a parte espiritual da religiosidade dos descendentes dos verdadeiros africanos". Sobre os dois tipos de Maracatu — o de Baque Virado e o Rural — dona Madalena diz: "O verdadeiro Maracatu é o primeiro, porque tem o bate nagô, vindo dos negros. Já participei da "Noite dos Tambores Silenciosos", só com maracatus, que acontece no domingo de Carnaval, e acho uma incrível verdade sobre os negros."

Como todos os anos, o maracatu "Estrela Brilhante" sai neste Carnaval. Sobre sua fundação, dona Madalena não especifica uma data precisa: "Ele é muito antigo; acho até que é mais velho que "Elefante", porque conheço muitas pessoas que dizem o seguinte: "éramos do Estrela Brilhante e dona Santa nos convidou para participar do Elefante". Então, "Estrela Brilhante" é mais velho, ou possui quase a mesma idade".

RAINHA DO MARACATU

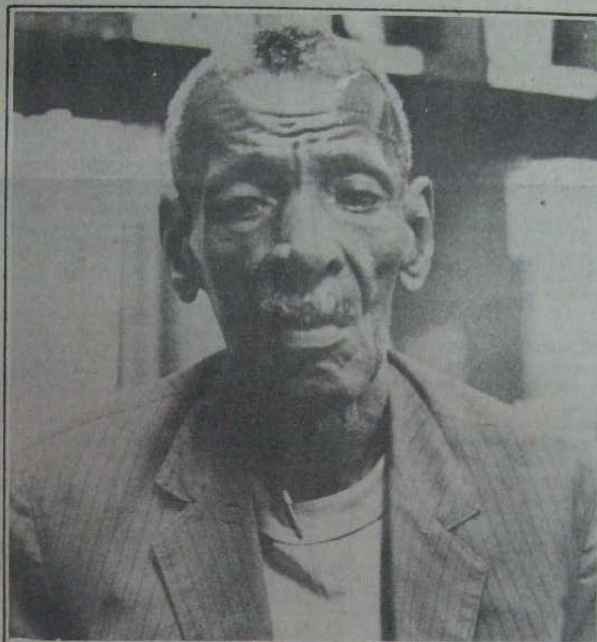
Todo maracatu tem suas figuras: damas de passo, lanceiros, baiana rica, baiana pobre e a rainha. Dona Madalena é a rainha do "Estrela Brilhante"; mas ela não se considera assim: "Eu sou uma ialorixá; rainha, não. Eu represento a rainha. Dona Santa é que foi rainha do Carnaval". Mas dona Madalena é a rainha de todos os Maracatus do Recife. E nisso há uma história a contar: "Queriam me coroar há muito tempo, mas por uma palavra de dona Santa, com a qual não tive muita aproximação. Até diziam que ela não ia muito comigo. Nesta época, eu era do maracatu Indiano".

Um dia, dona Madalena reuniu todos os componentes do Indiano e foi fazer uma visita a dona Santa, em Ponto de Parada. "Quando o maracatu apontou na rua, foram dizer a ela, mas dona Santa nos recebeu muito bem. Numa outra visita que fiz a ela, houve a pergunta: "Madalena, você sabe como se coroa uma rainha? É com Caboclinhos e Maracatus na Igreja do Rosário dos Pretos. Então, Madalena, daqui para o fim do ano eu vou lhe coroar". Agradei, mas no mesmo ano dona Santa faleceu. E o pessoal do maracatu começou a insistir na minha coroação".

Há seis meses, dona Madalena foi coroada Rainha dos Maracatus do Recife, como dona Santa tinha idealizado: na Igreja do Rosário dos Pretos, com a presença de todos os maracatus: "No Recife, a ómica Rainha coroada, de Maracatu, sou eu". Dona Madalena vive para o Carnaval e para a sua religião. Quando não é época do carnaval, faz as roupas da parte do toque, do Xangô: "Vivo para a minha religião".

AFILHADO DE DONA SANTA

Conhecido, também, como Tota Gongá, Luiz de França dos Santos, 78 anos, é presidente do maracatu Leão Coroado. Toda a sua vida foi dentro desta agremiação, pois era afilhado de dona Santa, embora ela tenha terminado seus dias em "Elefantes". Para Luiz de França, o maracatu, antigamente, era mais valorizado, apesar do Governo não dar qualquer subsídio: "O Carnaval era



Luiz de França, do Leão Coroado: "É doloroso ver o maracatu mais velho da cidade sem uma sede própria". (Foto: João Carlos Lacerda)

feito pelo comércio de Pernambuco; era outra coisa. Hoje, com tanto dinheiro, mas o povo não brinca Carnaval; não se vêem as fantasias de antigamente, onde o povo trabalhava o ano inteiro para brincar. Hoje, não se vê um pierô, uma colombiana, um dominó, um palhaço. Antigamente, mesmo numa época em que não havia muito dinheiro, se via tudo isso. Hoje, há dinheiro, mas o povo vive morrendo de fome; e brinca Carnaval de afalto que é. Na época em que eu era menino, meu pai ganhava uma pateca, tinha 18 filhos, e nenhum morreu de fome".

Fundado em 1863 pelo grupo nagô, o Maracatu Leão Coroado foi campeão no último Carnaval. Mesmo assim, Luiz de França reclama: "A subvenção deste ano foi muito mesquinha — Cr\$ 15.000,00 — quando a do ano passado foi Cr\$ 8.000,00. A situação só melhorou um pouco porque, agora, recebi uma ajuda de Cr\$ 10.000,00, do deputado Eduardo Pandolfi". E tem uma mágoa: "É doloroso ver o maracatu mais velho da cidade, mesmo entre todos os clubes, sem uma sede própria. O "Leão Coroado" é um patrimônio da Nação e mora na minha casa. Ele deveria ter a sua sede, já que é uma sociedade legalizada, não deve nada ao Estado, não deve nada a ninguém".

LIGADO A RELIGIÃO

Leão Coroado está ligado a um terreiro, e Luiz de França é o babalorixá, servindo a Xangô: "Não adoto ser chamado de "pai de santo", porque santo é meu pai; então, como posso ser pai de santo? Minhas filhas de santo me chamam de padrinho. Isto está certo". Segundo ele, o verdadeiro maracatu está ligado a religião, porque nasceu dela. O Xangô é uma adoração do africano e o maracatu é uma brincadeira carnavalesca, mas em função do "santo".

Sobre a mudança de dona Santa — Maria Jália do Nascimento — para o maracatu "Elefante", Luiz de França conta a história: "Dona Santa era a rainha do "Leão Coroado"; depois de uma confusão com sua madrinha, ela partiu para "Elefante". Neste último maracatu, com

o tempo, todos foram morrendo e dona Santa, como não tinha para quem deixar, entregou o "Elefante" ao Governo, e hoje ele está num museu. Isso, na época do Governo de Miguel Arraes, quando era prefeito Pelópidas da Silveira que, por sinal, era filho de santo de dona Santa".

José Ferreira do Nascimento — Zezinho Mainhá — é um dos componentes do "Leão Coroado" e dá uma grande ajuda a Luiz de França na colocação da agremiação na avenida. E, segundo ele, quem corou dona Madalena foi Luiz de França. Uma das músicas do maracatu, lembrada por Zezinho Mainhá, é esta toada: "Leão Coroado com seu braço forte/Nasceu no Norte, dava em que quer/Se encontrar com outra nação/O seu pavilhão mostra a dona Isabel".

"OS "HOMENS" NÃO OLHAM O MARACATU"

Vivendo como aposentado do IAPETEC, Luiz de França tem duas filhas. Sem nada para fazer, fica muito tempo em casa: "Mas quando o Carnaval chega, eu trabalho muito, já forçado. Nasce dentro do maracatu e não vou deixar ele se acabar, porque não tem ninguém que faça o que faço. Os "homens" — governantes — não olham pelo meu maracatu; mas eu olho. E ele até me traz prejuízo, porque me prende aqui. Pelo que sei dentro do Santo, poderia estar fora do Estado, trabalhando e vivendo bem".

"Se a coisa continuar como está — conclui — eu faço o mesmo que minha madrinha fez: entrego o maracatu "Leão Coroado" a um museu e ele, como "Elefante", não sairá mais. Agora se a situação mudar de figura, se tiver a sua sede, vejo a quem possa entregar o maracatu. Talvez deixe para o próprio Governo (se ele der a sede ou um terreno). E o maracatu passará, realmente, a ser um patrimônio do Governo".

TRISTEZA POR NÃO VER SAIR A TROÇA

Presidente da Troça Carnavalesca

Mista "O Bagaço é Meu", em Água Fria, desde 1962, Vicente Vitorino de Almeida prefere falar mais de sua agremiação, que de si próprio: "Bagaço está decaída e desprezada. A minha luta pela sobrevivência da troça me torna aos olhos dos outros um grande folião. Mas este ano não serei um folião, porque o meu maior prazer é ver a troça na Rua; prazer que não terei este ano porque "Bagaço" não vai sair".

Com 62 anos de idade, Vicente Vitorino desde criança está ligado a Carnaval. Nasceu na rua do Lima, mas se criou em Água Fria. "Meus pais não gostavam de Carnaval, mas o micróbio me pegou desde cedo; e eu acompanhava a vida carnavalesca dos bairros do Arruda e Água Fria. Casei-me com uma crente, que não brinca Carnaval, mas que não cria problemas por eu ser carnavalesco. Quando ela casou comigo, sabia que eu era um folião; por isso não há brigas".

Trabalhando como sapateiro, há onze anos Vicente Vitorino faz as reuniões da troça "O Bagaço é Meu" em sua própria casa, porque a agremiação não tem sede própria: "Meu emprego como sapateiro dá uma boa muito agoniada — diz ele, — porque o dinheiro é pouco. Mesmo assim, dá pra viver e até brincar no Carnaval. Só que este ano estou triste, porque a subvenção foi pouca e a troça não vai desfilar. E se ela não sai, não quero ver o Carnaval. Este ano fico em casa".

FUNDADORA DA FEDERAÇÃO CARNAVALESCA

Atualmente com 81 anos, e brincando no Carnaval desde os 20, dona Moca — Maria Eduarda da Silva — fundou o bloco carnavalesco Misto "Pão da Tarde". De pois, por questões políticas, deixou o clube e fundou o bloco carnavalesco Misto "Rebeldes Imperial", isso, há 36 anos. Casada duas vezes, dona Moca tem dois filhos do primeiro matrimônio. Durante todos estes anos, ela nunca deixou de desfilar no Carnaval: "Sai em todos; e este ano, se a Emetur me mandar um carro, desfilo novamente".

Fundadora da Federação Carnavalesca, juntamente com Mário Melo, Oscar Moreira Pinto e outros, lá ela fazia de tudo; inclusive, arrumava a sede. Sobre os carnavalescos do passado, ela comenta: "Antigamente, nós tínhamos mais liberdade. Jamos de casa em casa arranjando dois, três tostões, e fazíamos o maracatu. As coisas eram baratas; o violão, principalmente. E como as orquestras eram de cordas, ficava mais fácil botar o bloco na rua. Desde menina gostava de Carnaval, apesar da minha família não gostar. E hoje, apesar de doente, ainda boto "Rebeldes" na rua para desfilar. Sou uma carnavalesca por natureza".

Dona Moca já gastou muito para o seu bloco desfilar, e continua gastando. Recebeu uma subvenção de Cr\$ 35.000,00 e o que comprou, em tecidos e pedras, já ultrapassou os Cr\$ 40.000,00 há muito. Fundado em 1941, o bloco "Rebeldes Imperial" surgiu de uma dança em um palanque da Rua Imperial. Tudo financiado por dona Moca; mas o "Pão da Tarde" não gostou e quisou-se a agremiação. Após algumas brigas, dona Moca fundou um novo bloco, faltando apenas, 20 dias para o Carnaval: "O tempo era curto, mas meu primeiro marido me ajudou muito para eu não ficar desmoralizada. Eu tinha dinheiro; botei o bloco na rua com quase cinquenta moças. Sai com o orquestra de "Lira da Noite"; e quando fui registrar o bloco me disseram: dona Moca, a senhora é muito arrelhada. Bote o nome de Rebeldes". E assim ficou".

Este ano, Rebeldes" sai com o tema "Carnaval Sensacional", formado por dezentes e vinte figurantes. Mas dona Moca se lembra do tempo em que Edgar e Raul Morais foram os compositores do bloco.

"Noite dos Tambores Silenciosos" — maracatu reverencia ancestrais



Sob o pálio, os reis do maracatu evocam as tradições africanas

O Recife poderá assistir amanhã, às 23h, uma das mais impressionantes demonstrações de reverência prestada por um povo aos seus ancestrais mortos. Trata-se da cerimônia da "Noite dos Tambores Silenciosos", realizada anualmente na segunda-feira de Carnaval, no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio (Rua Larga do Rosário), quando os reis, rainhas, damas do paço, batuqueiros, guerreiros, embaixadores e integrantes da corte de cinco maracatus de baque-virado, remanescentes das antigas nações africanas, reverenciam seus ancestrais mortos no cativeiro.

Os maracatus são agremiações "sui generis", existentes unicamente em Pernambuco. O jornalista Leonardo Dantas Silva, folclorista e diretor da Fundação de Cultura Cidade do Recife, pesquisando a existência dos maracatus, escreveu a respeito:

"Os negros que foram trazidos para o Brasil, a partir de 1538, pertenciam às mais diversas tribos ou regiões do continente africano: Benguela, caçanes, congos, nagôs, mocambiques, minas, daomês, ardras, angolas, crioulos e uma infinidade de outros. Trazidos para o Brasil como escravos, os negros continuaram com os seus usos e costumes "das

terras do lado de lá", reunindo-se em torno dos seus chefes, cantando e dançando suas danças e praticando suas religiões.

Destas nações de negros, era a dos Congos que mais se destacava dentro das associações das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito. Para isso contava com a proteção do "senhor branco" e com o benplácito da Igreja Católica que, em determinados dias, assistia as festas de coroação dos seus soberanos — Muchino Riá Congo — nos adros das igrejas.

Tais coroações remontam, segundo Pereira da Costa, ao ano de 1706 quando numa festa de São João foi aprovado o compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila de Igarassu, compilado de igual irmandade da cidade de Olinda.

No Recife tais coroações chegaram até o final do século XIX, sendo conhecido o termo de confirmação do Chefe de Polícia, Antônio Henrique de Miranda, referendando a coroação de D. Antônio de Oliveira como Rei do Congo, em 14 de setembro de 1848, "ficando o referido rei obrigado a inspecionar e manter a ordem e subordinação entre os pretos que lhe forem sujeitos".

As coroações dos Reis do Congo transmutaram-se, com o decorrer dos anos, no nosso maracatu, anteriormente denominado de afoxé. A denominação de maracatu apareceu, segundo Guerra Peixe, pela primeira vez assinalada pelo padre Lino do Monte Carmelo Luna em 1867.

Preservando a denominação da nação, os maracatus continuam a desfilar pelas ruas do Recife nos dias de Carnaval ou nos meses que antecedem a grande festa. Denominando-se de Nação do Elefante (1800), Nação da Estrela Brilhante (1910), Nação do Leão Coroado (1863), Nação da Cabinda Estrela (1953) e Nação Indiana (1949), o primeiro já desaparecido e os dois últimos oriundos de maracatus de orquestra, o folguedo chegou até aos nossos dias.

O maracatu é apenas um cortejo. Um cortejo de coroação onde as figuras do Rei e da Rainha destacam-se de todo o prestito: dois ou mais lampiões de carbureto duas negras trazendo as calungas (damas-do-paço), arqueiros, baliza, porta-estandarte (embaixador), damas-de-frente, personagens da corte em dois cordões de baianas, soberanos (Rei e Rainha) protegidos pela umbela que é conduzida por um escravo, lanceiros e batuqueiros, vêm fechar o cortejo real.

São estes os grandes vencedores

Pás Douradas, Inocentes do Rosarinho e Estudantes de São José foram as grandes vencedoras dos desfiles de rua do Recife, realizados este ano com grande animação e a participação do povo, que se misturou nos cordões e brincou com os desfilantes.

O resultado dos desfiles foi anunciado às 11 horas de ontem na Casa 10 do Pátio de São Pedro, onde a Comissão Julgadora concluiu os trabalhos, destacando-se a maneira como a eleição foi recebida, sem que houvesse nenhum protesto.

O resultado final dos desfiles, organizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, foram os seguintes:

Troças de quarta categoria — Tubarão do Pina e Domadores da Mangueira.

Troças de terceira categoria — Guaiamum na Vara e Reizado Imperial.

Troças de segunda categoria — Reis dos Ciganos e Destemidos de Campo Grande.

Troças de primeira categoria — Abanadores do Arruda e Cachorro do Homem do Miúdo.

Bois de Carnaval — Boi Teimoso e Boi da Cara Preta.

Ursos de Carnaval — Urso Prateado e Urso Alegre de Areias.

Escolas de Samba de quarta categoria — Intimidade e Duvidosas em Folias.

Escolas de samba de terceira categoria — Estudantes

do Pina e Acadêmicos do Samba.

Escolas de samba de segunda categoria — Império do Asfalto e Labariri.

Escolas de samba de primeira categoria — Estudantes de São José e Galeria do Ritmo.

Caboclinhos de terceira categoria — Tribogé e Tupi Guarani

Caboclinhos de segunda categoria — Canindés de Camaragibe e Caetés.

Caboclinhos de primeira categoria — Canindés e Tabajara

Maracatu Rural de segunda categoria — Cruzeiro do Forte. Não houve segundo lugar, por desclassificação dos demais concorrentes.

Maracatus Rurais de primeira categoria — Estrela da Tarde e Águia de Ouro.

Maracatu de Baque Virado de segunda categoria — Almirante do Forte. Não houve segundo lugar.

Maracatus de Baque Virado de primeira categoria — Indiano e Estrela Brilhante.

Blocos de segunda categoria — Lira da Noite e Pierrós de São José.

Blocos de primeira categoria — Inocentes do Rosarinho e Rebelde Imperial

Clubes de segunda categoria — Transporte em Folia e Amantes das Flores.

Clubes de primeira categoria — Pás Douradas e Vasourinhas.

Diário de Pernambuco - 20/02/1980: "Povo abriu alas para escola passar", p.a04.



O temor de que sem passarela o público prejudicasse o desfile das escolas-de-samba de 1ª categoria foi dissipado na segunda feira de carnaval. As próprias figurantes foram generosas nos abraços e beijinhos ao paciente público que ficou até as 3 horas da madrugada para assistir a cinco escolas e premiar com maior calor de aplausos a Galeria do Ritmo, embora a Comissão Julgadora apontasse Estudantes como vencedora.

Desfilando realmente no asfalto desde a esquina da Dom Bosco e entrando numa faixa exclusiva a partir da Gervásio Pires, as escolas-de-samba foram vistas por um público mais entusiasta quando deixaram a Conde da Boa Vista, ingressando na Rua do Hospício, Imperatriz e levando o povo a sambar em plena ponte Maurício de Nassau onde estavam misturadas com as escolas, já sem a metade de seus componentes. Estudantes de São José, com um carro alegórico que se destacava das demais agremiações, dividiu realmente a opinião do público que sambou com a bateria de Galeria do Ritmo. Estudantes recebeu 75 pontos da Comissão Julgadora enquanto que Galeria, com 74, ficou em segundo lugar.

A espera para desfilar em frente a Comissão Julgadora é ainda a grande falha dos desfiles de escolas-de-samba, cujas alas têm que entrar na área de julgamento sob as ordens dos mestres-sala e dos chefes de alas o que ocasiona uma cruciante demora para o ponto que fica parado aguardando o som para sambar.

Cartas de baralho nas alegorias de Império

Com cerca de 800 destilantes, Império do Asfalto, levando como destaque das alegorias gigantescas cartas de baralho, foi quem recebeu do público a maior consagração entre as escolas de segunda categoria. No seu grupo desfilaram Labariri, que também foi muito aplaudida quando ganhou as primeiras quadras da área de julgamento. Enquanto Império do Asfalto recebia 69 pontos da Comissão, Labariri ficava em segundo lugar com 53 pontos.

A exemplo das escolas de 1ª categoria, os destilantes da segunda também receberam invasão do público até na área de julgamento, em frente à sede do Detran. É que o povo invadia a área dos desfiles, postando em todos os trechos.

Império do Asfalto soube ganhar a simpatia do público pois seus componentes pouco se importavam com a aproximação da massa, sambando mesmo com a invasão em suas alas.

Não houve muito espaço entre o desfile das agremiações de segunda e as de primeira, na categoria de escolas de samba, e isso deu maior força às outras áreas do centro da cidade, permanecendo o público em contato com as agremiações.

Preto Velho desceu a Sé para brilhar no asfalto

A escola de samba Preto Velho foi uma das melhores e bem organizadas agremiações, com excelente plasticidade em verde e branco, as suas cores oficiais, introduzindo o dourado na ala dos caboclos do São Francisco. As fantasias idealizadas pelo figurinista Nazareno Petrúcio foram destaque, muito bonitas, mas sem luxo. As costureiras, supervisionadas por Graça e Jorge, confeccionaram os trajes com perfeição.

A escola não saiu com todos os figurantes nem com as alegorias que foram divulgadas. O tema escolhido foi "No encanto do rio São Francisco, uma viagem às estrelas". Anunciou-se um carro alegórico com a figura mitológica de "Iara", além de um carro lembrando Delmiro Gouveia e seu pioneirismo na Região. Nenhum porém, foi apresentado.

Silvio Pontual, que seria a "Iara", não compareceu nem deu satisfação à escola, embora, na quinta-feira, tivesse confirmado a participação. O casal que representaria Delmiro Gouveia e a esposa também faltou (pelo menos foi o que contou o presidente, sr. Jorge Lobo). Em vista disso, uma ala, que sairia com 12 negras, teve de ceder cinco de suas integrantes para ocupar o carro de destaque: um barco com uma "carranca" do São Francisco.

Houve outros contratemplos. Um deles por culpa do trânsito. Segundo Jorge Lobo, a escola saiu da sede com aproximadamente uma hora de atraso, devido ao carro de som, que demorou demais no percurso da Rua do Sol (próximo ao Fortim) até à sede, no Alto da Sé.

Além disso, o carro apresentou defeito e o desfile foi paralisado por algum tempo. Na Rua do Sol, foi a vez do carro com as mulatas e, em seguida, a chuva, que fez com que a apresentação terminasse na Rua Prudente de Moraes, onde mora o vice-presidente, próximo à Praça de São Pedro. Mesmo assim, Preto Velho agradou. Zeu, a porta-bandeira, apresentou-se com muita segurança. Naquele momento, não era a simples Zeu, mas a rainha das porta-bandeiras. Ao seu lado, Nazareno Petrúcio mostrava-se um dos melhores mestresalas, pela riqueza coreográfica e leveza de movimentos.

Ao passar pelo quartel-general do carnaval, na Rua do Bonfim, o prefeito Germano Coelho deu uma nota à parte. Ele, que na noite anterior fora visto passeando em meio à multidão comentando o carnaval, sambou à frente da bateria. Mais tarde, era visto em meio às barracas da Praça da Fregeira.



Sobre os carros, a melhor posição para ver o desfile

Atraso deixa muita

Agremiações criticam julgamento de desfile

Como sempre, principalmente entre as escolas de samba, onde velhas rivalidades foram reativadas, os resultados dos desfiles, que neste ano foram conhecidos logo na terça-feira por volta das 11 horas, geraram protestos das agremiações carnavalescas.

Antes de receberem os prêmios, entregues na Pracinha do DIÁRIO, em cerimônia que contou com a presença do prefeito Gustavo Krause, representantes da Escola de Samba Galeria do Ritmo manifestavam o desagrado com relação aos pontos que lhe foram dados pela comissão escolhida pela Fundação de Cultura Cidade do Recife.

— Nós estivemos muito melhor do que Estudantes. Foi sacanagem — eram as palavras mais ouvidas, principalmente na Casa 10 do Pátio de São Pedro, onde foram conhecidos os vencedores.

NA PRACINHA

Na Pracinha do DIÁRIO, no entanto, apesar dos protestos, todas as agremiações vencedoras desfilaram normalmente para receber os seus prêmios, que além de um cheque com importância, de acordo com a categoria, a Fundação de Cultura Cidade do Recife também ofereceu um troféu.

Os resultados dos desfiles foram os seguintes:

Troças de quarta categoria — Tubarão do Pina e Domadores da Mangueira.

Troças de terceira categoria — Guiamum na Vara e Reisado Imperial.

Troças de segunda categoria — Reis dos Ciganos e Destemidos de Campo Grande.

Troças de primeira categoria — Abanadores do Arruda e Cachorro do Homem do Miúdo.

Bois de Carnaval — Boi Teimoso e Boi ca Cara Preta.

Ursos de Carnaval — Urso Prateado e Urso Alegre de Areias.

Escolas de Samba de quarta categoria — Intimidade e Duvidosas em Folias.

Escolas de samba de terceira categoria — Estudantes do Pina e Acadêmicos do Samba.

Escolas de samba de segunda categoria — Império do Asfalto e Labariri.

Escolas de samba de primeira categoria — Estudantes de São José e Galeria do Ritmo.

Caboclinhos de terceira categoria — Tribogé e Tupi Guarani.

Caboclinhos de segunda categoria — Canindés e Tabajara.

Maracatu Rural de segunda categoria* — Cruzeiro do Forte. Não houve segundo lugar, por desclassificação dos demais concorrentes.

Maracatu de Baque Virado de segunda categoria — Almirante do Forte. Não houve segundo lugar.

Maracatus de Baque Virado de primeira categoria — Indiano e Estrela Brilhante.

Blocos de segunda categoria — Lira da Noite e Pierrôs de São José.

Blocos de primeira categoria — Inocentes do Rosarinho e Rebelde Imperial.

Clubes de segunda categoria — Transporte em Folia e Amantes das Flores.

Clubes de primeira categoria — Pás Douradas e Vassourinhas.

Estudantes convida ao sambão da vitória

— Os integrantes da Escola de Samba Estudantes de São José estão convidados para o nosso “sambão da vitória”, hoje, na nossa quadra, na Rua da Concórdia, em comemoração à conquista do título de campeã do primeiro grupo do carnaval de 1980.

O convite foi feito, ontem à tarde, pelo presidente da

agremiação, o carnavalesco Waldeck Melo, ainda vibrando com a reconquista do título pela escola vermelha e branco de São José, que desfilou apresentando o tema “Segredo de Eneim, uma visão do paraíso”, elaborado por Aristacio Pereira e que recebeu nota máxima da comissão julgadora.

Waldeck Melo afirmou que o sambão de hoje à noite será uma homenagem de todo o bairro de São José aos que participaram da apresentação da escola na passarela da Av. Conde da Boa Vista na noite de segunda-feira e também aos que ajudaram de todas as maneiras, possibilitando o brilhante desfile.

O presidente da escola afirmou que “o carnaval deste ano serviu para mostrar que a união dos moradores do bairro em torno de Estudantes torna praticamente imbatível”. “Nossas fantasias, alegorias e a própria apresentação foram elogiadas por todos que tiveram a satisfação de assistir ao desfile -